

Lógica das Borboletas



Carlos Lúcio Gontijo



Escrever é exprimir, mostrar tudo e entender as situações, percebendo suas razões e prevendo o final e a consequência de nossos atos. Escrever é esperar, observar o presente e, ao mesmo tempo, antecipar o futuro.

Quem conta um conto... Mas Carlos Lúcio Gontijo não aumenta nada. O que vê descreve, descortina. Envolto em realidade, sonho e emoções, ele conta cada fato, colocando-se próximo e integrado ao que narra; construindo e reconstruindo, em estilo próprio, o destino de pessoas e coisas, num redemoinho contínuo de acontecimentos e imagens.

Carlos Lúcio Gontijo escreve porque vê, sente, conota e conta. Nasceu escritor. Eu o vi escrever em Santo Antônio do Monte, corrigi seus primeiros talentos escritos em letra ilegível... Sentimento legível de que seria um apaixonado pela arte de escrever.

Parece que ele poeta já foi em outros tempos, vividos em antes, tamanha a sensibilidade que expressa em termos de homem-maduro, experimentado de vida e metafórico. Seus olhos sonhadores captam o que de belo existe ao seu redor. As coisas simples da vida desfilam pela lógica das coisas, como sua vida plena de fatos flui pelo tempo.

Mas Carlos Lúcio não consegue concentrar-se nas coisas simples e retorna às mais complexas: às vidas das gentes. O filho da pantaneira mato-grossense Dona Betty sabe viver a vida. Revolta ele sente, nas angústias

Carlos Lúcio Gontijo

LÓGICA DAS BORBOLETAS

Prefácio de João Silva de Souza

Ilustrações de

“Quinbo” (Marcos de Souza)

CLG

Belo Horizonte

2007

Carlos Lúcio Gontijo

**LÓGICA
DAS
BORBOLETAS**

Capa e ilustrações

Marcos de Souza (Quinho)

Programação visual e diagramação

Igor de Gusmão Tanure

Composição

Conceição Nina de Oliveira

Revisão

Berenicy Raelmy Silva

Carlos Lúcio Gontijo

Lógica das Borboletas

Romance – 1ª edição

Belo Horizonte, 2007

Páginas, il.

Copyright by CLG, 2006

Av. João Augusto da Fonseca e Silva, 1107/402

Eldorado – Contagem/MG

CEP 32.341-100 – Tel. (31) 3912-4442

www.carlosluciogontijo.jor.br

DEDICATÓRIA

Minha criação literária autodidata padece da síndrome da cultura do anjo torto que impregna tudo em meu país, para a insatisfação dos eruditos e puristas da estética artística.

Lampião, o famoso Rei do Cangaço, um cabra bom no tiro de espingarda, era cego de um olho; Getúlio Vargas, presidente da República apontado como o mais popular dos presidentes e que legou ao Brasil a legislação trabalhista e o voto feminino, era ditador convicto; Garrincha, jogador de futebol que driblava seus adversários como se não passassem de criancinhas, tinha as pernas tortas; Francisco Antônio Lisboa, o maior artista do barroco brasileiro, ganhou o apelido de Aleijadinho por sofrer de doença degenerativa que lhe dificultava esculpir suas obras...

Eu, para não fugir à regra, completo o meu time literário ao lançar, agora, o 11º livro e entrar no campo das letras assim meio de esguelha e trôpego, contando apenas com o apoio de leitores e patrocinadores assíduos (desde 1977), aos quais dedico este romance – Lógica das Borboletas – tecido com a linha quente do Equador de minha mente, que crê que **A PALAVRA É IMAGEM SAGRADA QUE CARREGO COM CUIDADO NO ANDOR DO CORAÇÃO.**

Assim como as borboletas, somos paisagem em movimento: não estamos no mundo para marcar tempo de vida, mas horas de vôo...

Carlos Lúcio Gontijo

SUMÁRIO

Prefácio	09
Introdução	11
Capítulo I – Lógica das Borboletas	15
Capítulo II – Vida Integral	27
Capítulo III – Giz de Pólen	41
Capítulo IV – “Borboleteando”	53
Capítulo V – Geração Teflon-inox	63
Capítulo VI – Simples vôo	77
Capítulo VII – Resgate de Borboletas	87
Capítulo VIII – Borboletas na Grama	97
Capítulo IX – Leve Presença	111
Capítulo X – Adorno	125
Capítulo XI – Tsunami Final	139
Apêndices	
Perfil do Autor.....	153
Agradecimento.....	157
Poemas	159
Biografia	163

PREFÁCIO

Atribuída-me esta missão que representa responsabilidade misturada à satisfação honrosa da distinção de ser o primeiro da lista de leitores de “LÓGICA DAS BORBOLETAS”, o décimo primeiro livro do magistral **Carlos Lúcio Gontijo**, cuja obra como um todo porta suas marcas de leveza e sentido edificante do amigo poeta, escritor e jornalista, além do registro singular de interação do autor com a contemporaneidade e a sua exposição auspiciosa – “... mar de caudalosas perspectivas”.

O mundo mercantilista e da dita cultura da busca tão-somente necessária ao atendimento do apelo imediato, contrariamente à *pregação* contida neste livro, que transporta seu leitor, por algumas horas, no mínimo, para lugar reservado à reflexão como contraponto ao formato egocêntrico que alimenta “o afogadilho e as improvisações que bem conhecemos” e que frutifica a articulação dos controladores do ambiente geral ou meio-comum, apresentando-nos com aparente adequação ao exercício-de-viver. O caríssimo autor na sua tribuna-gráfica-jornalística semanal, indagou-nos outro dia, numa prova de sua preocupação com o destino de todos os seres vivos – e claro, com as borboletas: **“Como pode, em tempo de exploração espacial e mapeamentos fotográficos via satélite, nos depararmos com uma floresta completamente desconhecida, intacta, inexplorável e virgem, localizada na parte ocidental de Nova Guiné?”**

Com formação humanista o artífice **Carlos Lúcio Gontijo**, resistente-operante deste modelo de mundo violento e tecnológico, tece no seu trabalho as palavras com observância às nuances e, paradoxalmente, expõe

indignação e sonho acompanhados de esperança na chegada do amanhã com seu brilho grandioso dos raios do sol, capaz de conter o vendaval degenerativo da qualidade racional do homem enquanto envolto pelo **“imediatismo da cobiça material”**.

Finalmente, com um abraço ao irmão-de-afeto, agradeço a generosa e especial deferência e convido os leitores a adentrarem o borboletário humano de “LÓGICA DAS BORBOLETAS”.

João Silva de Souza

Advogado e escritor

INTRODUÇÃO

Quem agasalha o peito com tecido curtido em vôos de borboletas sabe que as linhas da mão são lidas no idioma do espírito e não dos homens, ainda distantes de consciência coletiva capaz de lhes permitir divisão de riquezas idêntica à forma pela qual as borboletas compartilham seus espaços, demarcados por leveza e cores, e não em alqueires, cercas e lutas por posse.

Abaixo da linha do Equador as borboletas fazem as vezes do batom para o lábio da menina dos olhos de mulheres sofridas e preocupadas com o futuro dos filhos, enquanto seus maridos aram o chão, cientes de que nada vem de graça, nem a eternidade! – arranha-céu da alma que deve (e só pode) ser construído tijolo por tijolo, em corrente de oração braçal.

Lavrar com o cinzel das mãos o destino é a sina dos homens. Breve é a vida de todos os seres vivos; independentemente do relógio biológico de cada espécie, todos devem tentar deixar a marca de sua passagem na Terra, através do instinto ou pela razão, característica exclusiva da raça humana. Todavia, é preciso conciliar a fria textura da matéria com a realidade esvoaçante dos sonhos, que são a fonte de toda a criação. Por mais que os castelos necessitem de fortes alicerces, toda base de sustentação precisa da seda rara da imaginação, pois a rigidez extrema e sem flexibilidade faz desabar construções e homens.

Se brisa mansa não move caravelas, ventos fortes podem naufragá-las. Urge a busca do meio-termo entre as energias invisíveis que nos habitam e a matéria tangível que lastreia embates sangrentos mundo afora, maculando a imagem de ser racional dos humanos, que vai perdendo o brilho e o rumo à medida que se afasta da “Lógica das borboletas” e, por hedonismo doentio, insiste em negar a realidade que nos diz que, num retrato três por quatro, o verdadeiro rosto da sociedade é coletivo, para azar de celebridades, famosos e demais senhores de terras, engenhos e capital.

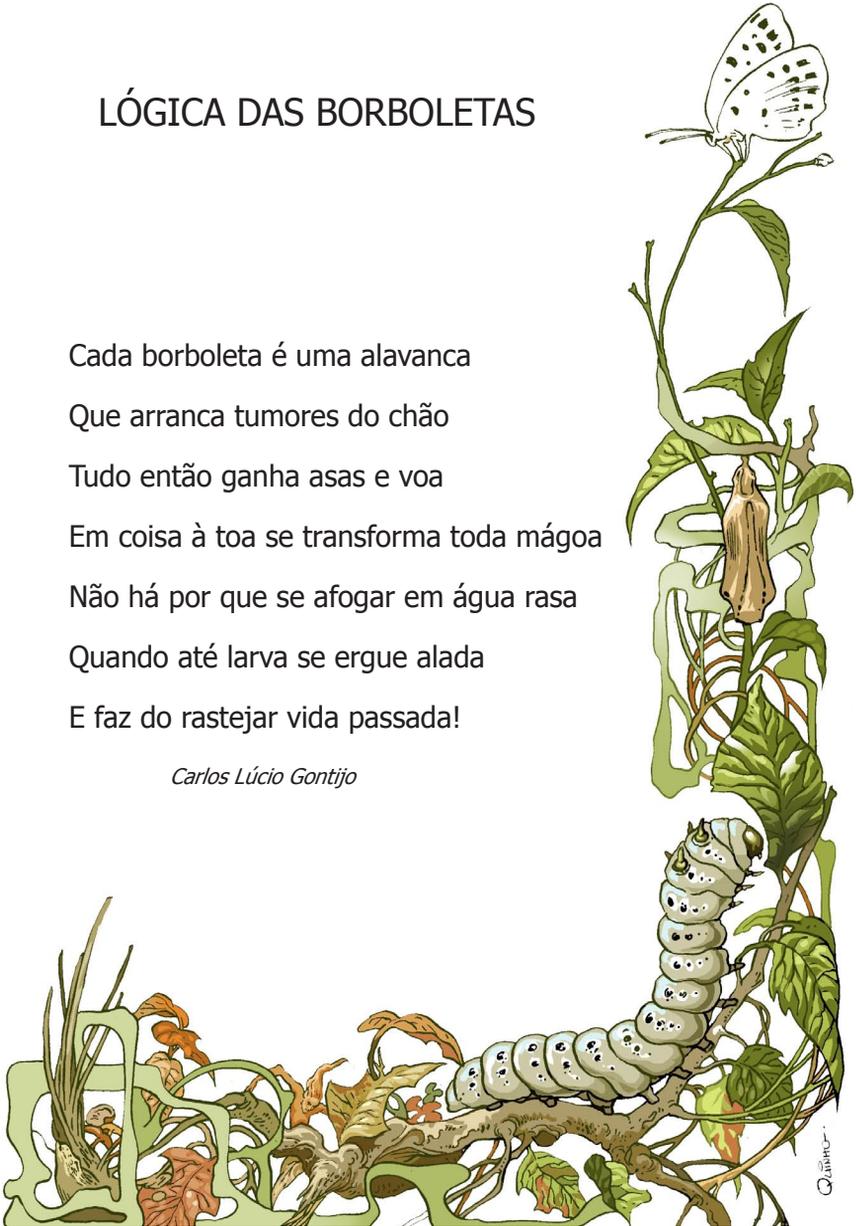
**LÓGICA
DAS
BORBOLETAS**

CAPÍTULO I

LÓGICA DAS BORBOLETAS

Cada borboleta é uma alavanca
Que arranca tumores do chão
Tudo então ganha asas e voa
Em coisa à toa se transforma toda mágoa
Não há por que se afogar em água rasa
Quando até larva se ergue alada
E faz do rastejar vida passada!

Carlos Lúcio Gontijo



Capão das Borboletas, um terreno plano ao sopé de uma montanha, parecia um paraíso incrustado no município de Pingo de Esperança, onde vivia o jovem casal Pedro e Pérola. Em Capão das Borboletas a natureza ensinava repetidamente que, no encontro da treva com a luz, somente a luz é que brilha. Era assim no amanhecer, com o império do sol sobre a escuridão da madrugada. E o mesmo se dava quando as sombras da noite levavam a claridade e o céu se abria em feixes de estrelas e luar tão claro que ao longe se podia distinguir a paisagem.

As pessoas daquela região eram receptivas, acolhedoras e a pequena cidade crescia à medida que as metrópoles iam enfastiando seus habitantes, que buscavam a tranqüilidade do bucolismo, onde esperavam encontrar melhor qualidade de vida. Tudo em Pingo de Esperança, contradizendo o nome, era um mar de caudalosas perspectivas. Ali, costumava-se dizer que a gente do lugar era baratinha, baratinha, para quem fosse capaz de se lhe apresentar com a festa de um riso verdadeiro na face: artigo raro neste mundo materialista e de felicidade escravocrata, em que o riso de alguns custa a tristeza de muitos. Contudo, quem ostentasse honestidade na face tinha o poder de desarmar o jeito arredio e desconfiado dos pingo-esperancenses, que, mais que filhos, eram fruto da terra.

Pedro e Pérola se haviam conhecido ainda crianças e não eram mais que meninos crescidos quando se casaram. Tinham 25 e 24 anos respectivamente; e o filho Antônio, com dez anos, andava por todo lado como se fizesse parte da paisagem do lugar. Também pudera, foi fecundado na relva macia em que seus pais entrelaçaram pernas e corpos feito cipós e árvores, em simbiose de desejo, ternura e amor.

— Você continua a me amar? — indaga

Pérola.

— Claro que sim!

— Mas como você sabe disso,

Pedro?

*... e absorver a dor,
em mortal sangue-frio,
para sobreviver...*

— Sei disso, Pérola, porque o desejo é algo muito simples. Bastar-me-ia estar vez por outra com uma mulher qualquer para me satisfazer sexualmente.

— Como assim, Pedro?

— Eu a quero ao meu lado, na cama, na rede, na esteira, na relva. Abasteço-me de vida no movimento elétrico de sua cintura e mantenho em mim a vontade de caminhar de mãos dadas com você pelos campos, sob o sol e as árvores, ouvindo a sua voz como se fosse música para os meus ouvidos, independentemente do assunto...

A confissão de tamanho amor os levou ao chão, onde rolaram feito sementes, no mesmo espaço em que se amaram pela primeira vez, quando Pérola se engravidou e de seu ventre intumescido veio à luz o filho Antônio, moldado com o mesmo material usado por Deus para fazer o céu, a água, a terra, a noite, as estrelas, a natureza enfim.

— Peedroo, Peedroo... — um grito cortou os ares.

Pérola e Pedro se recompuseram. Sabiam ser a voz de Henrique, velho empregado da família, uma herança em carne e osso que os pais de Pedro lhe deixaram.

— Que foi, Henrique? — foi logo perguntando.

— Sô Pedro, o Romero chegou a divisa para bem próximo do olho-d'água.

— Não é possível. Ele sabe quanto eu protejo aquela nascente, que continua jorrando água em abundância graças aos cuidados que vêm desde os meus avós, passando por meus pais...

— Pois é, o seu amigo Romero não respeitou nada disso.

— Pode deixar que eu vou dar um jeito! — enfatizou Pedro, em nervosismo que não fazia parte de sua personalidade.

— Vamos lá, mas calma, homem de Deus! — recomendou Henrique, o sábio caseiro.

Rumaram para o terreno do invasor.

— E aí, Romero, por que essa indelicadeza, por que esse desrespeito? — foi dizendo Pedro, assim que deu com Romero, sem sequer desmontar do cavalo.

— Quer saber de uma coisa, Pedro, fiz e está feito. Vá chorar na cama que é lugar quente.

Os dois deram início a uma luta corporal que foi contida por Henrique e pelo capataz de Romero, um tal de Brancão. Pedro saiu aturdido do bafafá, pois detestava desavença, principalmente com vizinho. E para piorar as coisas, o Romero era irmão do Juiz de Direito de Pingo de Esperança...

Pedro demonstrava estar explicitamente tomado pela revolta e ciente de que quando se unem interesses, capital e portadores de diploma de curso superior e mando, a truculência contra o pequeno nas demandas judiciais é coisa líquida e certa. Até mesmo pelas custas estabelecidas para ações impetradas na Justiça, o palco do privilégio debuxa no horizonte dos julgamentos.

Movido pelo espírito de vingança, foi à cidade onde, além de tentar salvaguardar seus direitos junto à Justiça, procurou Ari, que tinha o apelido de Mateiro, não por ser um homem do mato, mas por carregar nas costas o peso de um assassinato e envolvimento em muitos casos de violência.

— Como é que é Ari, você ainda quer me comprar aquele bico do meu terreno que entra na sua propriedade e faz divisa com a fazenda do Romero?

— Claro! Desde que você não peça os tubos por aquele tiquinho de chão.

(Nem passava pela cabeça de Pedro colocar qualquer obstáculo para que o negócio se inviabilizasse. Na sua cabeça só havia lugar para o fato de que Romero e Ari Mateiro eram inimigos acérrimos e, se tudo desse certo, eles entrariam rapidamente em desentendimento).

Arroubado pelo ódio, na sua frente só passava a cena do entrevenero, cujo final, segundo imaginava, o premiaria com a morte de seu desafeto: Romero.

No Capão das Borboletas, Pérola, o pequeno Antônio e o caseiro Henrique aguardavam preocupados pelo retorno de Pedro.

— Senhorinha, senhorinha! — era Henrique chamando carinhosamente a jovem patroa a que viu nascer e crescer.

— Que foi? — indagou Pérola.

— É o Pedro. Ele já vem em seu cavalo.

— Que sejam boas as notícias. — falaram quase em coro.

— Olha, gente, entreguei a pendenga para o advogado Getúlio cuidar, mas aproveitei para vender o “bico” para o Ari.

— Não é possível que você fez uma coisa dessa. Aquele homem não presta, sua fama é péssima. Ninguém gosta de ser vizinho dele e você o escolhe para fazer divisa com o nosso terreno.

— Deixe de bobagem, Pérola. O bico é pedaço insignificante.

— É, pode ser pedaço pequeno. E, para pôr lenha em sua malquerença com o Romero, você o amplia através da vizinhança com o Mateiro.

— Tomara que você não leve na cabeça, patrão, com o feitiço virando contra o feiticeiro.

Ao ouvir tal prognóstico, Pérola saiu aos prantos na direção do filho Antônio que chegava com uma cesta cheia de ovos que colheu no capinzal ao redor, onde as galinhas faziam seus ninhos.

— Vamos entrar filhinho. Está na hora de você tomar seu banho.

E assim os dias se passaram. Uma nuvem escura se abateu sobre o olhar de Pérola, que não tinha como esconder sua preocupação com o emaranhado de discórdia em que seu amado se achava envolvido. Não entendia ela o porquê de dois amigos de infância e compadres, pois Pedro era, junto com ela, padrinho de Falópio, filho de Romero se desentenderem.

— Mamãe, mãe, mamãe, mãe! — adentrou o pequeno Antônio casa afora.

— Que foi, filho?

— É o Henrique que saiu apavorado para acudir o papai, que está discutindo aos gritos lá pelas bandas do Romero.

— Mas o que foi, filho?

— Não sei, mãe. Porém, deve ser coisa grave.

— Como assim?

— Uai, o Henrique saiu resmungando que o caso cheirava a vela.

— E daí, filho?

— Ah, mãe, ele sempre fala isso quando é caso de risco e perigo.

Toda vez que uma criação está doente e sem esperança, o Henrique me diz: filho, esse caso cheira a vela.

Pérola entendeu, de imediato, a metáfora, tão bem explicada pelo espantado Antônio...

— Filho, não saia de casa. Fica aí esperando a mamãe.

— Pode ir, mamãe, eu a esperarei aqui na varanda.

Com o coração que lhe batia na boca já nas mãos, Pérola saiu em disparada, ouvindo ao longe o estampido de arma de fogo.

— Não, sinhazinha, não vá lá – estazado lhe dizia Henrique, que correu do fundo de um vale ao seu encontro.

— Não, eu tenho que ir – protestou Pérola, empurrando o amigo e caseiro Henrique.

O cenário que se lhe abriu diante dos olhos era estarrecedor: Romero e Pedro estavam tombados ao chão esvaindo-se em sangue e Ari Mateiro sentado em um tronco de árvore como que entorpecido pelo veneno da própria violência descabida.

— Meu amado Pedro, por que se perdeu em mágoa? Por que se encaminhou para a intolerância e semeou no canteiro de nosso amor tanta dor para mim e para o nosso filho?

(Nesse momento Henrique interveio, afastando-a do corpo de Pedro).

— E agora, Henrique, o que será de nós?

— Senhorinha querida, Pedro já se havia arrependido da solução que buscou para resolver a pendenga em que se envolveu. Brincava comigo nesses últimos dias que, assistindo ao comportamento das borboletas no recanto das flores semeadas pela sua falecida mãe e que funciona como borboletário, percebeu que ele tinha se transformado em larva, mas que seu coração era de borboleta e competia-lhe o dever de se tornar alado novamente...

— Então o que deu errado?

— Pedro resolveu dirigir-se ao bico quando, de longe, avistou Romero e Ari Mateiro conversando. Aproximou-se exatamente no momento em que os dois entravam em profunda discussão. Ari sacou de seu

revólver para matar Romero, que, por incrível que pareça, arrependido estava ali para recolocar a cerca no local de origem, atendendo principalmente a pedidos do filho inocente, que não aceitava nem entendia o afastamento da convivência com os padrinhos Pedro e Pérola.

— Meu Deus, e daí? — entrecortou Pérola.

— Daí Pedro, vendo o companheiro de infância em perigo, pulou na frente...

— Pulou não, voou, pois ele já era borboleta novamente! — interveio, outra vez, a soluçante Pérola.

— Pois é, o tiro acertou o peito de Pedro e, em seguida, Romero gritando não morra amigo Pedro, não morra, partiu na direção de Ari Mateiro que, agindo como matador frio, descarregou o revólver em Romero...

— Mamãe, mãe, mãe, mãe...

Olharam para trás e lá vinha o franzino Antônio que ao ver a tétrica peça de violência encenada diante de seus olhos infantis caiu, sem mais nem menos, desmaiado nos braços da mãe.

— Acorde filho, acorde meu pequeno. Mamãe agora só tem você, pelo amor de Deus, acorde.

— Senhorinha, o que é isso, o pequeno Antônio está imóvel, inerte. Parece que nem pulsa...

— Você fica aqui cuidando da remoção dos corpos, enquanto eu corro com ele para o médico.

Passou em casa, pegou o velho fusca que foi do pai de Pedro e tinha mais horas de garagem que de estrada, pois era usado apenas de vez em quando, e se mandou para Pingo de Esperança.

— Dr. Emmanuel Karajan, socorra o meu Antônio.

(Pérola blaterava ofegante à porta do “Alemão”, como era carinhosamente chamado aquele velho médico que veio da Alemanha para o Brasil e se havia tornado um benfeitor estimado pelo povo pingoesperancense).

— Que foi, filha?

— Dr. Karajan, Antônio está assim imóvel desde a triste visão do pai morto, há mais de uma hora...

— Minha nossa! — balbuciou o médico, enquanto tomava o menino nos braços, a fim de colocá-lo na mesa de exames. O experiente médico alemão tentava passar tranqüilidade à mãe, enquanto procurava sentir o pulso do garoto, que permanecia com aparência fúnebre...

— Pérola, gostaria que você aguardasse na sala de espera. Sua aflição compromete os exames. Preciso me manter calmo.

— Está bem, Dr. Karajan.

Mal saiu a mãe, o médico deixou o menino de lado e foi direto aos livros, empurrado pela súbita intuição de se tratar de alguma doença rara. Enquanto desabotoava a blusa do garoto com a mão direita, na esquerda ele já lia o livro que escolhera, na letra C: catalepsia patológica, uma doença rara, da qual pouco se sabe. Quase deixou o livro cair da mão, quando da roupa de Antônio voou uma borboleta, que serviu até para descontraír o médico, que pensou consigo mesmo: essa borboleta acompanhou esse menino deste o Capão, seu habitat natural; então ele ainda é uma flor viva. É um sinal, tenho que acreditar...

— Pérola, tenha fé. Esperemos um pouco mais e ele despertará, já sinto seu pulsar distante, bem fraquinho, mas Antônio está voltando para nós.

— Como assim, doutor?

— Por enquanto não posso afirmar nem explicar. O negócio se resume em esperar, e como estamos em uma cidadezinha chamada Pingo de Esperança, o grande segredo é ter fé, acreditar no milagre da vida.

— Mamãe, mamãe...

— Nossa Senhora, é seu filho! — disse o médico estupefato com a proximidade, com a claridade inexplicável do imponderável.

— O que faço aqui, mamãe?

— Você passou mal.

— Não me lembro de nada.

— Não importa, filho. Depois mamãe lhe conta.

Com medo de o menino ter um novo desmaio, nem a mãe nem o médico ousaram reprisar o assunto. Pérola tomou a providência de deixar o garoto na casa de uma tia que morava na cidade e tinha um menino do qual Antônio era muito amigo. E assim disfarçando a tristeza, ela voltou para o Capão das Borboletas, a fim de cuidar do funeral do esposo amado e absorver a dor, em mortal sangue-frio, para sobreviver...

CAPÍTULO II

VIDA INTEGRAL

Quero a borboleta em mim
Porque se a vida possível é breve
E se marcescível é meu jardim
Então seu ensinamento me serve
Quero ser feliz a cada segundo
Compreender que sou marca de giz
Que a prancha do vento desmancha
Aprender que fecundo é o viver
E não o tempo que se vive

Carlos Lúcio Gontijo



Henrique ficou inconsolável com a morte do patrãozinho, como ele gostava de chamar Pedro.

— Pois é, sô Pedro, o patrãozinho, ao procurar o facínora Ari Mateiro, trouxe madeira podre para o interior da floresta de amor e sensibilidade que tão bem soube cultivar. É como se diz no Nordeste pobre, mas cheio de sabedoria diante das agruras da vida: “A desgraça do pau verde é ter o pau seco ao lado. Vem o fogo, queima o seco e lá vai o verde queimado.”

— É isso mesmo, Henrique. A proximidade com pessoas ruins, falsas e perversas nos contamina. Elas são como a ferrugem para o ferro — asseverou Pérola.

— Sei que não lhe será fácil viver sem a presença do amor de toda a sua vida. Compreendo que é impossível esquecer. Nem cometerei o sacrilégio de lhe pedir que esqueça Pedro, todavia você deve fazer do filho Antônio o seu opiáceo, a sua razão de viver, o anestésico para a dor que agora lhe dilacera o coração.

— Vamos tentar levar à frente a produção de nossa terra, porque é assim que nos sustentamos. De qualquer forma, tenho que planejar o futuro de Antônio. Quero que ele estude, que faça um curso superior e, para isso, tenho que dar jeito de ele fazer o ensino médio num grande centro. Não só pela qualidade melhor de ensino, mas também para que ele, mais tarde, não sofra problemas de adaptação com a correria de uma metrópole, onde a competição é inevitável.

— É isso aí, mãos à obra, senhorinha Pérola.

Os dias que se seguiram foram de muita providência e tomada de iniciativas. Pérola recebeu com alegria a notícia de que o juiz

deferiu favoravelmente a Antônio no caso da invasão de divisa. Apesar de a família de Romero ter complementado a decisão do falecido, que se arrependeu de seu ato, voltando com a cerca para o devido lugar, a sentença não deixava de ser um honroso reconhecimento para a memória de Pedro.

*Andavam de um lado
para o outro como
que a conversar com a
natureza do lugar.*

— Senhorinha Pérola, senhorinha Pérola – era Henrique, de tardezinha.

— Que foi, Henrique? Que não seja notícia ruim.

— E não é mesmo. Hoje estive com a mulher do Ari Mateiro.

— E daí, Henrique? – ironizou Pérola, que não gostava nem de ouvir o nome do assassino do marido.

— Calma senhorinha, calma. Ela mandou passar-lhe de volta o contrato de compra e venda, uma vez que o Mateiro não pagou a quantia combinada e ela não tem como quitar a dívida.

— Que maravilha. Como é bom ter o terreno em sua totalidade. Pedro, depois de arrependido, dizia que não suportava, era um castigo ver o terreno faltando um pedaço...

— Venha, Antônio, vamos ver como está aquele bico de terra que voltou a ser nosso.

E desceram os três rumo à gleba recuperada, em vozerio festivo, possibilitado pelo tempo que dá o consolo e a cura para as cicatrizes abertas no peito pelo destino. Animada, Pérola propôs servir uma feijoada no sábado, convidando Marisa, viúva de Romero, e o afilhado Falópio. Foi um dia e tanto para quem vinha mergulhada nas turvas águas da tristeza.

— Meu amor, enlace-me. Corte-me com os estribos da paixão. Sou sua montaria, sua sela.

— Sinto o seu suor formando alagados em mim. Chego pro seu abraço feito riacho e viro braço de mar, agiganto-me na entrega. Não me pertencer é achar-me. Não estar em mim é ter consciência do que sou...

Pérola acorda abraçada ao travesseiro, beijando-o, banhada de suor e repetindo baixinho: Pedro, Pedro...

A seguir, consigo mesma pensou: preciso parar com esse negócio de dormir com barriga cheia, ainda mais que, pelo andar da carruagem, estou condenada ao onanismo pelo resto da vida. Levantou, tomou um copo d'água com açúcar, deu uma olhada no filho, cobrindo-o levemente e voltou a dormir feito criança, estirada em sua cama de casal e ainda abraçada ao travesseiro.

— Mãe, tia Marisa já fez até café. Levante, já é tarde.

— Nossa filho, até me esqueci de que Marisa e Falópio dormiram aqui.

Rapidinho se pôs de pé. Tomou um banho e foi ao encontro da amiga.

— Bom-dia, Pérola. Vejo que teve uma noite de “pérola”!

— Que nada, Marisa, foi uma noite como “ostra” qualquer...

O trocadilho fez as duas caírem na risada.

— Quem diria, quando eu estava (e você também) perdida em tristeza avassaladora, que eu seria capaz de voltar a sorrir.

— Isso é normal, Pérola, a vida segue e a gente tem de dar um jeito, até em homenagem aos que amamos e não estão mais entre nós.

— Acredito, hoje, que a morte padece o castigo de jamais nos pegar vivos, pois quando nos pega já nos encontra mortos. Além do mais, a Bíblia nos diz que “a semente lançada à terra, ao perecer, produz frutos. A que não é semeada fenece.” Independentemente de haver ou não vida após a morte, a realidade é que os que perdem um ente querido se transformam em frutos dele.

— Entendi, Marisa: nossos maridos vivem em nós e através de nós. Eles estão nos filhos, Antônio e Falópio.

Antônio, que escutava a conversa, ponderou com sua imaginação infantil, mas não menos verdadeira...

— Quer dizer que eu sou o papai...

— É isso aí, filho! – comemorou a mãe Pérola.

Na tarde de domingo, depois do almoço e de mais um bom pro-seado as duas amigas se despediram.

— Passa lá em casa amanhã, Pérola.

— Não, amanhã não dá. Tenho que passar no consultório do doutor Karajan. Afinal, tenho que saber direitinho sobre o mal que causou aquele estranho desmaio do Antônio.

— Você tem razão, com saúde não se brinca.

No outro dia Pérola foi a Pingo de Esperança, deixando Antônio aos cuidados de Henrique, a quem o menino gostava de acompanhar e ajudar na lida da roça.

— Bom-dia, Dr. Karajan.

— Vamos entrando, Pérola.

— Doutor, desculpe-me não ter vindo há mais tempo, porém andei apertada de costura. Ou seja, os afazeres demoraram a entrar nos eixos após a morte de Pedro.

— É natural, Pérola. Afinal era ele quem cuidava dos negócios e não lhe deve ter sido fácil tomar pé da situação.

— Não foi mesmo, apesar de eu contar com toda a ajuda do caseiro Henrique. Confesso-lhe que não sei nem como explicar a volta por cima que dei sobre a grande dor que me dominava.

— Contudo, amiga Pérola, é assim mesmo. Tyndall, um físico inglês, quando ministrava aula a seus alunos, gostava de fazer experiência comprovadora de que a sensação de quente ou frio depende do estado anterior e pode ser considerada absoluta. Ele punha três baldes com água fria, morna e quente, pedindo a um dos alunos para mergulhar a mão direita no balde com água quente e a esquerda no recipiente com água fria. Após um minuto, o aluno mergulhava ambas as mãos no balde morno. Daí então uma delas, a direita, sentia frio, ao passo que a outra sentia calor.

— O que o senhor quer dizer com isso?

— Olha, Pérola, o dia em que seu marido morreu você teve uma sensação de tristeza extrema, depois os dias se passaram e você foi tendo dias melhores, as comparações posteriores eram menos dolorosas, até chegar ao estado emocional em que você está hoje...

— Entendi. Mas e o problema de meu filho Antônio?

— Bem, conforme eu lhe falei rapidamente, ele sofre de uma doença rara.

— Que doença é essa, Dr. Karajan?

— É catalepsia patológica. É diferente da catalepsia projetiva ou astral que, geralmente, acontece da seguinte maneira: a pessoa desperta

durante a noite e descobre que não pode mover-se. Parece que uma força invisível lhe tolhe os movimentos: desesperada, ela tenta gritar mas não consegue; tenta abrir os olhos mas, também, não obtém resultado algum.

— Que é isso, doutor?

— Esse tipo de catalepsia é mais comum e, por isso, mais estudado e conhecido. Todavia, o que presenciamos no caso do Antônio é raríssimo, o que determina a necessidade de cuidados, dado o estágio avançado de rigidez, que chega a atingir as pulsações, colocando-as em níveis quase que imperceptíveis, a ponto de, num diagnóstico descritivo e apressado, o indivíduo ser considerado morto, com certidão de óbito e tudo o mais...

— O que fazer?!

— Em primeiro lugar, ele deve sempre portar um documento dizendo de sua doença e, em segundo lugar, fugir de situações limites, de fatos inauditos ou fora de controle.

— Então, doutor, foi ver o pai ensangüentado que ativou todo o processo.

— Isso mesmo, Pérola. O desmaio súbito foi desencadeado pela dor e pela perplexidade diante do corpo desfalecido do pai querido.

— E o que o senhor me aconselha como providência a ser tomada?

— Ora, Pérola, trata-se de uma doença rara e como tal deve ser considerada. Veio à tona agora como pode muito bem não retornar jamais. Há registros de gente com o mal da catalepsia patológica que morreu bem velhinha e de morte morrida mesmo. E, além do mais, sabendo de sua doença, ninguém cometerá o desatino de ir sepultando-o sem mais nem menos...

O alemão, de corpo forte e taludo, um corpanzil de fazer inveja a lutador de sumô, se expressou de forma tão engraçada que Pérola se pôs a rir de forma incontida...

De volta para casa, ela ia pensando em como agir com a doença congênita do filho: “É, vou dar tempo ao tempo, quando ele tiver uns 15, 16 anos eu lhe conto e ele passará a portar em sua carteira um documento sobre a moléstia rara que o aflige.”

Já em casa, deitada numa rede na varanda, enquanto observava Antônio colocando sal no cocho para o gado, sob os últimos raios de sol...

— Veja como o meu menino é esperto, Henrique.

— É verdade, Senhorinha.

— Sou muito preocupada com o futuro. Até mesmo em relação à sua saúde.

— Mas por quê?

— Ah, Henrique, o atendimento médico no país é péssimo... E com ele estudando em escola particular, a fim de fugir do ensino público que é tão paupérrimo quanto os pobres que o buscam!!!

— E o que tem a ver com a saúde?

— É que, pagando os estudos dele, eu não tenho como lhe dar um plano de saúde privado. Isso me deixa chateada e insegura.

— Mas isso é problema quase que geral.

— É, eu sei. Infelizmente, a imensa maioria da população brasileira é prisioneira dos baixos salários, do desemprego, da falta de acesso à educação pública de qualidade e distante da oportunidade de habitar uma moradia digna.

— É isso mesmo, senhorinha Pérola. Aqui mesmo na região já vi muita gente morrer de doenças absolutamente evitáveis ou curáveis.

— É, Henrique. A coisa é difícil. Se não fossem os chazinhos de plantas, flores e raízes morreria muito mais gente.

— O errado é que está certo, Pérola.

— Como assim, Henrique?

— Condenam a automedicação, mas não cuidam de garantir livre e fácil acesso a consultas médicas.

— Tem razão, Henrique, é tudo hipocrisia e falácia.

— Corra, mamãe. A vaca Saracura está dando bezerrinho.

Pérola e Henrique se levantaram logo de seus assentos. Extasiado, Antônio assistia ao parir da vaca, encantado com o bezerrinho malhado que já era lambido pela vaca-mãe.

O tempo seguia em frente trazendo à luz uma carrada de dias. As economias de Pérola andavam capengas, devido à baixa cotação dos produtos agrícolas. Até o leite já mal cobria o custo dos insumos como ração e vacinas.

— Henrique, é triste, mas estou amadurecendo a necessidade de vender a fazenda. A comadre Marisa, que se casou novamente, está interessada. Inclusive, já me disse que você continuaria como caseiro.

— Fico satisfeito pela consideração dela, mas não será a mesma coisa. Nós somos uma família.

— Sim, Henrique. Uma bela família. Com história, amor e união.

— Pois é, pense bem, Senhorinha.

— Não tem outro jeito, Henrique. A solução é mesmo vender.

Henrique não conteve o pranto:

— Desculpe-me os olhos molhados. Mais fácil controlar estouro de boiada ou conduzir gado desgarrado para o curral do que conter a nascente de lágrimas do meu olhar...

Choravam juntos e não perceberam que o menino Antônio, já não tão menino assim, ouvia aos soluços o desenrolar de toda a conversa. Pérola nem bem abriu os braços e lá estava o filho a molhar seu peito...

— Olha, Henrique, aconteça o que acontecer vou estudar, trabalhar e um dia comprarei o Capão das Borboletas de volta — jurou o menino.

Nas semanas seguintes, Pérola e Antônio praticamente não saíram da fazenda. Andavam de um lado para o outro como que a conversar com a natureza do lugar. Antônio elegeu como seu lugar preferido o borboletário, observando com alegria e louvor de alma os ovos, as larvas, as crisálidas e as borboletas.

— Pérola, o dinheiro da venda lhe dará folga financeira?

— Não, Henrique, não dará não. Casa na capital é caro, mas não poderei ficar pagando aluguel. A única maneira é comprar uma casa modesta e reservar um dinheirinho que me garanta sobrevivência até conseguir um emprego. Ou mesmo, aproveitando minha habilidade e conhecimento culinário, abrir uma fabriqueta de fundo de quintal, na casa que eu adquirir.

— Fabricar o quê?

— Uai, Henrique, bolos, doces, bombons, pães etc.

— É, pode dar certo!

— Pode não. Vai dar certo, sua ave agourental!

A casa da fazenda ia ser entregue com todo o mobiliário. Pérola se pôs a juntar suas coisas em malas e sacolas. Num dia de junta-junta, chamou-lhe a atenção uma enorme borboleta azul que lhe pousava o ombro e, em seguida, voava para cima do guarda-roupa. Fez isso por umas cinco, seis vezes, como se lhe estivesse dando um sinal ou querendo indicar alguma coisa.

— Antônio, venha me ajudar. Traga-me a escada da cozinha.

— Já estou indo, mãe.

— Veja, Antônio. Repare essa borboleta azul.

— O que é, mãe?

— Veja só...

E mais uma vez a borboleta pousou no ombro de Pérola e voou para cima do guarda-roupa.

— Que estranho, mãe. Parece que ela quer lhe dizer alguma coisa.

— É por isso que lhe pedi para trazer a escadinha...

— Pode deixar que eu subo – ponderou Antônio.

— O que tem aí, filho?

— Um pequeno pacote.

— Pegue-o, filho.

— Já estou pegando.

E qual não foi a surpresa de Pérola ao verificar que se tratava de uma conta de caderneta de poupança, cuja quantia deveria ser superior ao valor que receberia pela venda de Capão das Borboletas. Porém, resoluta, a descoberta não modificou a decisão de Pérola, que apostava numa vida nova para ela e para o filho. O dinheiro recém-descoberto apenas lhe garantiria tranquilidade para a execução de seus planos. Porém, seus olhos lacrimejantes e cheios de espanto não escaparam da percepção do filho.

— Que foi, mãe?

— Seu pai, filho.

— Meu pai o quê?

— Mesmo após cinco anos de sua morte, ele continua presente, nos ajudando.

— Como assim?

— Filho, há mais de quinze anos, pouco antes de você nascer, seu pai resolveu desfazer de quase todo o gado, optando por manter só os bovinos de melhor qualidade e produtividade. A venda foi feita num período em que o gado experimentava uma grande alta. Em vez de gastar o dinheiro apurado, ele preferiu aplicá-lo para, dessa forma, dar-lhe um futuro melhor. Nesse instante, a borboleta deu um suave vôo razante sobre suas cabeças e se foi.

— Seu pai esteve aqui em forma de borboleta – exclamou Pérola, abraçada ao filho.

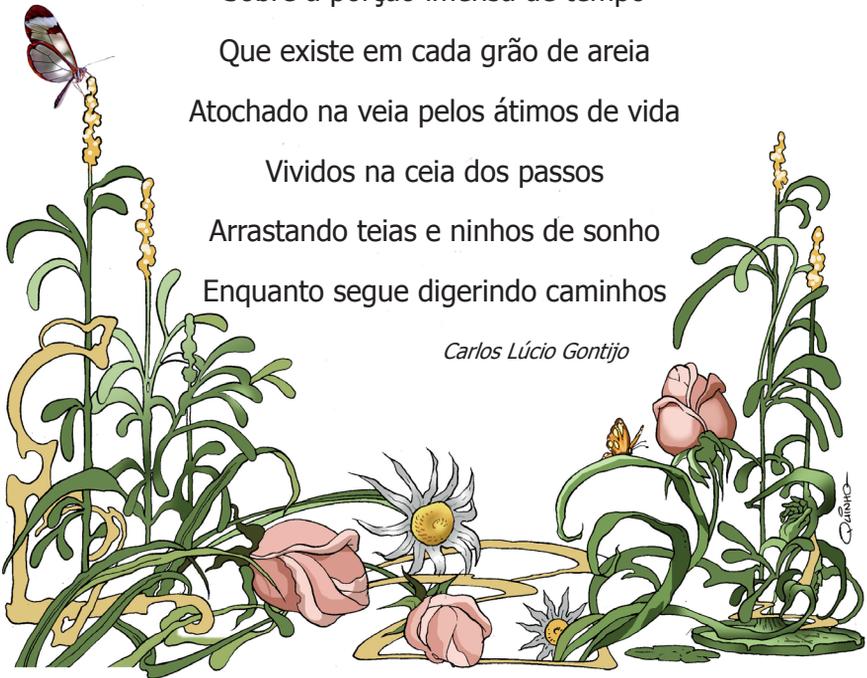
Toda a atmosfera se impregnou da impressão de que Deus, ou a energia do espírito de um pai extremoso, agia através de uma borboleta.

CAPÍTULO III

GIZ DE PÓLEN

Floral é o idioma das borboletas
Fonema natural escrito a giz de pólen
Proveniente dos jardins do éden
Somente para servir de ampulheta
E contar às pueris borboletas
Sobre a porção imensa de tempo
Que existe em cada grão de areia
Atochado na veia pelos átimos de vida
Vividos na ceia dos passos
Arrastando teias e ninhos de sonho
Enquanto segue digerindo caminhos

Carlos Lúcio Gontijo



Finalmente, chega o dia de viajar para Belo Horizonte, onde Pérola já havia adquirido uma casa modesta, mas erguida em uma área de grande dimensão, o que lhe abria possibilidade de futura ampliação. Na despedida, as lágrimas dos amigos, de todos que lhe eram próximos, mas dentro de um determinado nível de conforto, porque os que partiam tinham planos de avançar, crescer na vida como cidadãos e seres humanos, enquanto os que ficavam se contentavam com a oportunidade da convivência, da proximidade leal. Em síntese, todos os afastamentos, inclusive o definitivo, advindo da morte, são mais ou menos dolorosos na medida em que a mente pune os que não se deram enquanto podiam, os que foram relapsos e não marcaram presença nas confraternizações, ou melhor, não souberam celebrar a vida nem saborear os frutos produzidos pela lavoura da amizade. A esses cada revoada de borboletas nos jardins da lembrança é uma tortura – o remorso os corrói.

— Antônio, enxugue as lágrimas. Sorria, meu filho.

— Mas como, mãe?

— Veja quantos amigos nós fizemos e construir uma amizade é uma doação. Carece de um grande esforço, de tolerância e compreensão.

— Eu sei, mãe. O papai falava que ser amigo é descobrir, em meio ao cipoal de defeitos que o outro tem, as qualidades com as quais podemos conviver e aprender.

— É isso mesmo, filho. A amizade aperfeiçoa o ser humano. Ele se torna melhor através da convivência e do exemplo do outro.

— Mãe, uma coisa é certa. Cada mão que nos acena é a garantia de que sempre teremos para onde voltar.

— Tem razão, filho, cada abraço que recebemos na despedida é a certeza de um porto...

E o ônibus foi sumindo na estrada, os amigos se perderam de vista e ficaram vivos, vistos e revistos nas artérias do coração.

A rocha dourada do destino continuou sob os açoites da ventania incessante do tempo e a areia fina dos segundos enchendo a ampulheta dos dias. Os negócios de Pérola correram a todo o vapor. A pequena fabriqueta se transformou em indústria de alimentos de nome nacional e internacional, ostentando um quadro de cinco mil funcionários. Por todos os lugares, até na distante Pingo de Esperança se podiam ver os anúncios da Pérola & Pedro Alimentos, popularmente chamada de Pepê.

Antônio se formou em Filosofia e Botânica, sob o argumento de que seu negócio era gente e plantas. O filho de Marisa, Falópio, cursou administração, mas ganhava a vida com artesanato. Era proprietário de uma empresa que só comercializava produto artesanal.

Todos, enfim, andavam absorvidos por suas atividades. Numa tarde Antônio chega para a mãe e diz:

— Mãe, a empresa em que trabalho está me oferecendo transferência para a sede na Suécia.

— Bobagem, filho. Deixa isso pra lá. Que na Suécia os empregos sejam dos suecos.

— Sem brincadeiras, mãe. É uma oportunidade única para eu ampliar meus conhecimentos no campo da química. As vagas eram duas, meu colega Nestor já aceitou.

— Não me diga que você está indo só porque seu amigo Nestor vai.

— Não é isso, mas bem que poderia ser. Eu e ele estamos com planos de, ao voltarmos, abrir uma estamperia onde os tecidos teriam inspiração apenas nas cores das borboletas.

— É, já imaginava isso. Desde menino você tem verdadeira paixão pelas borboletas.

A mente pune os que não souberam celebrar a vida nem saborear os frutos produzidos pela lavoura da amizade.

— Isso é verdade, mãe. Andei sondando a Marisa. E ela me disse que me venderá de volta o Capão das Borboletas assim que eu quiser.

— Ah, filho, faça o que bem-entender. Siga o seu destino. Como nos diria o Henrique, do alto de sua sabedoria brejeira, mais vale um gosto que uma carrada de doce.

Antônio já se ia mandando, quando a mãe o chamou de volta e, brincalhona, lhe disse:

— Oh, filho, não se esqueça de levar uma blusa. A Suécia é fria de lascar...

Antônio foi ao encontro de Nestor, a fim de papear e combinar planos e viagem.

— Nestor, como vai ficar o seu namoro com Cristiane?

— Cris disse que me espera.

— Não sou de meter a colher, mas se eu fosse você, Nestor, pensaria melhor sobre esse seu relacionamento.

— Como assim, Antônio?

— Sei que você curte a natureza, que vai passar férias com a Cris em aldeia indígena etc. Mas acontece que ela é absolutamente radical nisso. Tenho informação segura de que, antes de o conhecer e, ainda agora, quando você não a acompanha até os índios lá pelos cafundós do Mato Grosso, ela passa dias e dias andando nuazinha em meio à população indígena.

— Ah, isso é conversa de gente invejosa. E logo você acreditar numa fofoca descabida dessa.

— Então, para terminar o caso Cris, não me diga depois que eu não avisei. E tome cuidado para não engravidá-la antes de seguir viagem para a Suécia.

— Já com isso eu me preocupo, uma vez que ela exige fazer sexo sem proteção alguma.

— Pois é, Nestor. Você sabe que o contrato que assinamos com o laboratório sueco é de, no mínimo, dois anos. Antes disso não há como voltar.

Nisso chegou Cris e eles mudaram de assunto. Ao contrário do amigo Nestor, Antônio não tinha nenhum compromisso sério. Sua pre-

ferência era por dar uma chance ao amor e ir, como o colibri, de flor em flor em busca do néctar especial, aquele mesmo que seus pais experimentaram em Capão das Borboletas.

A fim de não ficar como segurador de velas para o casal apaixonado ou bancar o empata foda, Antônio arrumou uma desculpa tola e saiu para suas paqueras.

Nem bem se afastou da mesa dos amigos, o celular tocou. Era o estimado caseiro Henrique.

— Estou ligando para informar que o assassino de seu pai morreu.

— Como? Ele estava preso.

— É, estava, mas já havia ganho o direito de trabalhar de dia e voltar para a prisão à noite.

— Como se deu a morte, Henrique?

— Ele estava trabalhando na capina de um terreno e se desentendeu com um cabra tão mau quanto ele, que, sem pestanejar, lhe meteu uma foçada mortal...

— Não lamento nem comemoro, Henrique. Ele é fruto da impunidade. Quando ele matou meu pai, já deveria estar trancafiado atrás das grades e não perambulando em liberdade pelas ruas de Pingo de Esperança.

— É, filho, a impunidade termina por ensinar que a vida não vale nada e pode ser tirada sem mais nem menos...

— Um abraço, Henrique, vou imediatamente dar a notícia a minha mãe.

Pérola não estava em casa. No auditório da Pérola & Pedro Alimentos, a moça que saiu da pequena Pingo de Esperança era ouvida com atenção e admiração por um punhado de empresários, membros de associações comunitárias, autoridades e homens públicos. Henrique entrou no auditório silenciosamente e se pôs a ouvir a palestrante como um menino ouve a mãe — grandiosa, sábia, um mar de gente se derramando sobre a platéia.

..."A principal função de uma empresa é dar emprego, investir na produção e, assim, abrir mais e mais vagas em seu quadro funcional. É essa a sua responsabilidade social: dar emprego e pagar bons salários. Essa ação está no patamar da caridade, ao passo que o assistencialismo

não passa de esmola, mera filantropia, que não retira o indivíduo da condição de pedinte.

Claro que as entidades filantrópicas têm atuação importante num país premido pelas desigualdades sociais. Porém, preocupa-me a transformação da miséria em mercadoria, numa espécie de matéria-prima para a indústria da assistência social. Não descreio da boa intenção das Organizações Não-Governamentais que enveredam pelo socorro à miséria em substituição ao Estado, que na maioria das vezes as contempla com polpudas verbas.

É moda a pessoa se apresentar como gerente de ONG como se isso a colocasse na condição de benfeitora da sociedade. Vejo jovens bem-nascidos, provenientes das classes alta e média, montando pequenas firmas e associações para cuidar dos despossuídos, os que nada têm. Assistimos a uma realimentação da pobreza, na medida em que os movimentos assistenciais se nos apresentam alicerçados em estrutura escravocrata, ou melhor, não libertadora do cidadão. Defendemos a projeção de uma política social centralizada em proteção aos mais pobres, acompanhada de cursos profissionalizantes, inclusão digital. Em síntese, o que queremos é o fim da cultura hedonista, que dificulta a implantação de projetos que possibilitem uma distribuição de renda menos semeadora de desigualdades tão extremadas. Fora desse desígnio, nos perdoem, o que temos é um assistencialismo barato que sai muito caro para a sociedade como um todo. Estão aí a violência e a insegurança para não nos deixar mentir. A mão verdadeiramente estendida não é a que nos apóia na caminhada, mas a que, desprendidamente, nos ensina a caminhar por nossa própria conta e risco. Na maioria das vezes, a gente confunde sociabilidade com solidariedade e, geralmente, os muito sociáveis não são solidários.”

Junto com a platéia, Antônio se levantou para aplaudir a mãe. Depois, sabendo ser ela avessa a badalações, dirigiu-se para o escritório da empresa. Não demorou e Pérola vinha de passos apressados e já tirando o casaco...

— Que surpresa, filho! O que o traz aqui a essa hora da noite de uma sexta-feira? Recebeu o fora de uma de suas paqueras?

— Não, mãe. É que recebi um telefonema do Henrique contando a morte do Ari Mateiro.

Antônio contou detalhadamente o que sabia e, perante a mãe ainda jovial e bem-sucedida, indagou:

— Mãe, por que a senhora não se casou novamente?

— Na realidade porque não quis.

— Então por que não se casa?

— Porque não quero. Além do mais, nos dez anos em que vivi com seu pai, fiz mais amor que muito casal com casamento longo, vinte, trinta anos. Éramos meninos, praticamente descobrimos o amor e o sexo juntos. Veja o exemplo da Marisa. Ela se casou novamente e, pelo que sei, vive às turras com o marido, que vem agindo de forma perdulária com a herança deixada pelo Romero.

— O Falópio está sabendo disso?

— Se sabe, não intromete. E ele está certo, Antônio. Em briga de marido e mulher não se deve meter a colher.

— Nem o filho! — completou Antônio.

Pérola riu...

— Pode rir mesmo, mãe. Rir é o melhor remédio, segundo recentes pesquisas científicas.

— Como assim, Antônio?

— Dizem os pesquisadores que rir é fundamental para o perfeito funcionamento dos vasos sanguíneos.

— Como se chegou a essa conclusão que, a meu ver, vem ao encontro de afirmações feitas por muitos poetas?

— Os pesquisadores submeteram dois grupos voluntários a um teste envolvendo a apresentação teatral de cenas engraçadas e cenas estressantes. E o que aconteceu foi o seguinte: o estresse fez com que o fluxo de sangue sofresse uma redução de 35%; as risadas e o contentamento, pelo contrário, elevaram o fluxo em 22%.

— Pois é, filho, devemos tomar cuidado tanto com o que escolhemos para assistir e ler quanto com os amigos com que andamos...

— Tem razão, mãe. Tristeza, melancolia e solidão têm um alto poder de contaminar ambientes e espíritos.

— Vou direto para casa, Antônio, preciso de um banho e uma boa noite de sono.

— É aí que entraria um novo amor...

— Que é isso, Antônio! Não preciso de ninguém para dormir comigo. E, num último caso, mando uma feijoadá pra dentro... Aí seu pai vem!!!

— Já que a senhora tocou no assunto, sabia que outra afirmação dos poetas foi, também, comprovada pelos cientistas.

— Vamos andando para a garagem na direção de nossos carros e você vai me relatando mais essa...

— Estudos da Universidade Estadual de Nova York concluíram que o sexo e o amor podem acontecer juntos, mas não são a mesma coisa, sendo que o amor é a experiência mais poderosa e duradoura do ser humano.

— E como eu sei disso, filho!

— Pois é, mãe, descobriram que as áreas do cérebro ativadas quando os indivíduos olham uma foto da pessoa amada coincidem apenas parcialmente com as regiões ligadas à excitação sexual. Ou seja, o sexo e o amor envolvem sistemas do cérebro bastante diferentes.

— Explique-me essa química, senhor botânico.

— O amor, mãe, dentro das revelações cientificamente extraídas, parece ativar as partes do cérebro ricas em dopamina...

— Troque em miúdos para mim.

— Dopamina, mãe, é um composto químico que tem efeito sobre as emoções. E tem mais: à medida que a relação amorosa amadurece, a mente passa pelo mesmo processo de amadurecimento.

— Talvez, filho, comparativamente, uma borboleta pousada num galho de árvore, na horizontal como os casais, seja a figura representativa do sexo. Já a borboleta em pleno vôo é o amor degustando paisagens e penetrando espaços, com o pensamento jogado em tabuleiro untado em óleo de libido purificada na batedeira do gozo realizado.

— Quanta poesia, minha mãe. Entretanto é isso mesmo; é do arrolho amoroso dos casais e do abraço fraterno entre os amigos que vem o fortalecimento do que chamamos de calor humano.

— E isso deve ser uma busca constante! — entremeou Pérola.

— Sim, mãe. E nessa procura não devemos recusar os convites que a vida nos faz, inventando desculpas, pois um dia eles podem cessar ou, ainda mais punitivo, nós é que perdemos as condições físicas e mesmo emocionais de comparecer aos encontros sociais. Assim, como

ninguém domina o dia de amanhã, toda festa adiada corre o risco de não mais acontecer...

— Veja, por exemplo, as borboletas de que você tanto gosta. Você já viu alguma delas sair do casulo e adiar o seu curto vôo nessa Terra para o dia seguinte?

— Não, minha mãe. Elas não perdem um só minuto, como se instintivamente mantivessem um rígido controle sobre sua passagem tênue, mas suficiente para que elas cumpram toda a sua missão dentro do ecossistema cósmico que a tudo interliga e rege – inclusive nós, bichinhos metidos a besta! – complementou Antônio, que num abraço terno de boa-noite se despediu da mãe.

Na solidão de seu carro, Antônio foi cortando as ruas de néon que o levavam para casa, e enquanto pensava na mudança para a Europa, que o distanciaria da convivência prazenteira com os amigos:

“Puxa, como será difícil! Tenho os amigos como uma corrente, um terço de orações. Acredito que Jesus Cristo, ao transformar a água em vinho para garantir a alegria dos presentes a uma festa, pretendeu nos passar a mensagem da importância da confraternização ou comemoração em comunidade. É no contato com outras pessoas que absorvemos experiências novas e muitas vezes podemos diluir nossos fracassos, decepções e frustrações, uma vez que, quando nos relacionamos amistosamente, temos a oportunidade de comparar, avaliar. E muitas vezes descobrimos que não vivemos no pior dos mundos, que não estamos sós, que outros superaram problemas iguais aos nossos ou até maiores e, principalmente, que o centro do universo não se localiza em nosso umbigo nem as coisas giram em torno de nossos desejos e anseios particulares. A Suécia será para mim um tempo de aprendizado e superação. Vencerei, assim como as borboletas ultrapassam suas provações naturais até ganhar asas para voar sobre o chão em que rastejavam e do qual se erguem as flores que as alimentam, ensinando-nos a não amaldiçoar as fases de lodo que enfrentamos, pois quase sempre elas são elementos fertilizadores do crescimento de nossa árvore espiritual, cujo fruto tem o sabor com que temperamos a vida, que é, sem tirar nem pôr, o que fazemos dela; à nossa imagem e semelhança.

CAPÍTULO IV

“BORBOLETEANDO”

Vou-me com as borboletas
Em seu vôo
Sigo nas borboletas
O que eu persigo
Vejo nas borboletas
Meu enjanelado voejo
Quero uma viagem
Toque de sinos na capela
Aragem de beijo do meu amor
Sempre-vivas na lapela
Salivas virando mar
Corpos borboleteando em flor
Num mútuo despetalar
Até o raiar do fim da primavera
Quando o que era deixa de ser!

Carlos Lúcio Gontijo



Feitos os preparativos de praxe para uma longa viagem, com a devida antecedência como aprendeu com sua mãe, Antônio ainda teve tempo para fazer um favor ao Henrique, cujo sobrinho estava com problemas na Justiça por causa de pensão alimentícia do filho de apenas dois anos. Indubitavelmente, era justa a solicitação da mulher, mas o grande imbróglio da questão era a quantia a ser estabelecida, uma vez que o coitado do Idalino não recebia mais que um salário mínimo e meio.

— Mãe, vou a Pingo de Esperança, tenho que constituir um advogado para acompanhar o caso do Idalino, sobrinho do Henrique.

— É bom que você o ajude e aproveite a viagem para se despedir dos amigos, pois em breve você irá para a Suécia.

— Tem razão, mãe. Vou unir o útil ao agradável.

— Filho, esse problema do Idalino é muito comum no Brasil, onde a imensa maioria dos trabalhadores ganha salário mínimo ou, às vezes, nem isso.

— A questão é mesmo séria, mãe. Prova de que a injustiça social e a divisão de renda desigual são fenômenos econômica e culturalmente entranhados no comportamento de nossas elites dirigentes é o fato impressionante assinalado por pesquisas oficiais nos dando conta de que as famílias brasileiras que ganham entre 1 mil e 2 mil reais só conseguem adquirir apenas um carro zero-quilômetro durante toda a sua vida, pois só podem fazê-lo a cada 62 anos – e olha que estamos nos referindo a uma faixa da população com algum poder aquisitivo.

— E o grave, meu filho, é que tem muita gente de terno e gravata se utilizando da desgraça alheia como ferramenta de autopromoção, aplicando técnicas de marketing..

Ninguém nasce para ser pobre ou rico, apenas vem ao mundo para ser gente.

— Eu assisti à sua palestra no auditório da “Pepê”. Ali a senhora expôs claramente a picaretagem explícita enfeitada com glacê, que trabalha com a pobreza e não pela extirpação do mal da desigualdade, que é fruto da indiferença e jamais uma predestinação.

— É, filho, ninguém nasce para ser pobre ou rico, apenas vem ao mundo para ser gente. Como eu sempre lhe disse, há uma diferença entre criar, que está no campo material, e o cuidar, que pertence ao aspecto do afeto.

— Lembro-me muito bem dessa lição. O papai costumava me dizer quando dávamos comida ao gado que aquilo era sinônimo de criar. Depois, quando estávamos na operação de vacinar, eliminar berne etc., ele dizia: isso é cuidar.

— Então, filho, nem sempre quem paga direitinho a pensão alimentícia está cuidando, pois não raro o abandono se dá através da ausência e negativa de amor e carinho aos filhos.

— Pelo que sei, o Idalino é pobre mas é louco pelo filho. E espero que o advogado consiga mostrar isso ao juiz, mãe.

No dia seguinte Antônio pôs o carro na estrada e foi para Pingo de Esperança, onde procurou o advogado Guilherme Bicudo.

— Olha Antônio, esse juiz criou e gosta de manter a fama de carasco dos pobres em matéria de estabelecimento de pensão.

— Como assim?

— Ele não leva em conta os parcos rendimentos da pessoa, sentença logo o pagamento de um salário mínimo.

— Mas isso é injusto.

— Claro que é, pois na maioria das vezes a pessoa quer cumprir a determinação judicial mas não tem de onde tirar o dinheiro da pensão.

— Vou buscar o Idalino para você instruí-lo sobre como deverá comportar-se perante o juiz.

— Pode ir. Eu o espero sem falta, porque a audiência é daqui a três dias.

Num átimo, chegou o tempo e a hora da audiência. As únicas instruções a Idalino eram só responder se perguntado, ficar calado, não intervir de forma alguma.

Tudo corria na mais perfeita ordem. Guilherme Bicudo fez uma grande defesa do Idalino, ressaltando por diversas vezes que seu cliente não ganhava mais que um salário mínimo e meio. Destacou com ênfase seu amor pelo filho, sua presença efetiva na sua criação etc. Porém, nada evitou que o magnânimo e meritíssimo senhor juiz pronunciasse a costumeira sentença: um salário mínimo.

Idalino, que se comportava em conformidade com o combinado com o advogado, suspirou revoltado e disse:

— Assim não dá, senhor juiz. O senhor borrou no meu saco...

Vermelho feito um peru, espumando de raiva, o juiz interveio antes que o advogado Guilherme pudesse ao menos tentar justificar aquele homem de vida humilde e hábitos frugais...

— Que desrespeito é esse? Posso decretar a sua prisão por desacato.

— Não se amofine não, senhor juiz. Não se irrite por tão pouco. Para desfazer meu abuso e assim agradá-lo, que seja eu, então, quem borrou no seu saco...

Aí, agindo rapidamente, o advogado Guilherme tomou a fala:

— Meritíssimo, perdoe o linguajar pobre de nosso cliente, que foi por ele arrancado do mesmo chão que ele planta na roça o alimento que o sustenta, pois que o Estado não lhe deu a oportunidade de frequentar uma escola. Rui Barbosa, mestre das letras, jornalista, advogado, jurista, diplomata, deputado e senador, concluiu em frase-sentença que “tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante, e não igualdade real”. Não é fácil aos Idalinos do Brasil, os mais iguais do povo, sustentar as suas não-vidas com o salário mínimo que recebem. Aguardam esses brasileiros que apenas sobrevivem e cantam para espantar seus males, nos pagodes e carnavais da vida, alguma contrapartida dos mais iguais das elites dirigentes, do Congresso e da Justiça. Na minha imaginação ingente, como diz a can-

ção popular, “eu que não creio peço a Deus por minha gente, que se-gue em frente sem nem ter com quem contar”, rezo para que todos os mais iguais negros, pardos e índios sejam mais iguais ainda, a partir do momento em que os Três Poderes da República optarem por premiar o ser humano, o cidadão brasileiro, com a igualdade em vida e não apenas na morte a sete palmos sob a terra que arde em brasa e sangue por não ser de todos. Simbolicamente, ao procurar desfazer o impropério ou a involuntária incontinência verbal, nosso cliente Idalino, na realidade, estava e está, senhor juiz, prestando uma singela homenagem à Justiça brasileira – ele acredita nela.

O silêncio foi geral, nele havia todo o clima de aplauso contido. Os presentes se entreolhavam. Sensível, no fundo do olhar de Antônio navegava uma lágrima; o juiz disfarçou o corretivo implícito tomando um gole d’água. Pediu dez minutos e, para espanto de todos, voltou com um desconto de 50%: meio salário mínimo. Só faltou o desfecho “e estamos conversados”.

— Homem de Deus, que desempenho esplêndido.

— Que nada, Antônio.

— Deixe de excesso de humildade, Guilherme. Você foi brilhante. Acho até que você deveria pensar em ir para um centro maior.

— Nem pensar. Pingo de Esperança é meu lugar. É o norte de meu espírito. Aqui estou longe da violência, respiro o ar puro da natureza e a qualidade de vida que todos estão à procura.

— Nisso, Guilherme, você tem razão, pois todos os que saem daqui pretendem voltar um dia, após resolver suas carências materiais. Mas o tempo gasto na busca da realização financeira é irrecuperável, pois o relógio da vida continua girando.

— Isso quando o taxímetro de nossa passagem pela Terra não chega à quilometragem final...

— Pára com isso, Guilherme. Vou bater três vezes na madeira. Estou indo trabalhar na Suécia, pois o laboratório me fez uma proposta irrecusável. Porém, passados dois anos, estarei de volta e pretendo montar uma fábrica de estamperia em Pingo de Esperança.

— Estamperia, Antônio?!

— Isso mesmo. Todavia, com um diferencial.

— Que diferencial?

— Toda a motivação e inspiração do designer terá como fonte as cores e formas encontradas nas asas das borboletas.

— Ah! Assim faz sentido. Todos sabemos de sua ligação com as “aladas” desde criança. Estive em “seu borboletário”, está um encanto. O Henrique, apesar da idade, tem uma saúde de ferro e cuida daquilo lá com amor, interesse e carinho à espera de que você recompre a fazenda.

— Você tem razão. O caseiro Henrique é como se fosse membro de minha família. Eu e minha mãe o amamos com toda a energia de nosso coração.

Idalino, pacientemente, aguardava, ainda no interior do fórum, o fim da conversa amistosa para ir embora. E mal ultrapassaram os limites da porta de entrada, ele tirou da sacola um par de sandálias velhas...

— Vocês me desculpem, mas não suporto sapatos.

— Está bem, Idalino. Já vou levá-lo para casa. O carro está logo ali. Brincalhão, Guilherme virou para Idalino e disse:

— Pelo amor de Deus, mantenha o saco longe do juiz...

A gargalhada uníssona do trio chamou a atenção dos transeuntes.

Antônio deixou Idalino à porta do sítio onde ele era caseiro e foi direto para o Capão das Borboletas dar a grande notícia ao estimado Henrique, que estava tão aperreado com o assunto da pensão cobrada ao sobrinho Idalino que não quis nem ir ao fórum. Antônio contou nos mínimos detalhes e teve que repetir várias vezes o caso do saco, que se transformou em folclore local e se esparramou por toda a região.

A tarde caía, no borboletário uma festa cambiante de cores esvoaçantes deixava em silêncio Antônio e o velho Henrique, que olhava o jovem que viu nascer com orgulho e admiração, enquanto pedia às forças invisíveis que eram sentidas naquele espaço mágico, que conduzissem os passos de seu menino na longínqua Suécia da qual, como a lagosta ou o camarão que nunca comeu, só ouviu falar. Contudo existia; e era pra lá que Antônio partiria na semana seguinte, montado num borboleteante cavalo de aço chamado avião.

CAPÍTULO V

GERAÇÃO TEFLON-INOX

Coração sem arranhão
Guardado em dissonante tom
Geração teflon-inox
Não há o que a grude ou choque
Nem lhe provoque emoção
Gerada entre prédios e sarjetas
Nada entende de borboletas
Padece de enjôo de si mesma
Em inconsciente prece por algum vôo

Carlos Lúcio Gontijo



- **F**ilho, já pegou tudo de que precisa?
- Sim, mãe. Não vou encher malas. Blusa de frio, por exemplo, comprarei lá. É feita de tecido apropriado para suportar baixas temperaturas.
- Você tem razão. A Suécia sofre invernos rigorosos.
- Mãe, nem vejo a hora de chegar a Estocolmo. Como dizia o pai Pedro, o que tem que acontecer que venha logo.
- Ando lendo muito sobre a Suécia, filho. Fiquei sabendo que apenas 9% do território sueco é arável e apropriado para a agricultura.
- Pois é! E o Brasil com tanta terra. Lá, mãe, o corte de madeira é rigorosamente controlado e acompanhado por efetivas exigências de reflorestamento.
- Enquanto isso, o que vemos no Brasil é o desmatamento descontrolado de nossas florestas.
- A Amazônia nem se fala, mãe.
- Antônio, e o seu problema?
- Que problema, mãe?
- Já se esqueceu de sua catalepsia patológica? Além do documento na carteira, você tem que avisar a alguém de confiança.
- Claro que já tomei as providências. O amigo Nestor, que também está indo, tem o devido conhecimento da anomalia de que padeço.
- Estou alertando para o seu bem. A doença nunca mais se manifestou, mas a gente nunca sabe. O saudoso Dr. Emmanuel Karajan fez questão de me salientar que você sofre de uma doença traiçoeira, que pode jamais voltar a incomodá-lo, mas por outro lado pode retornar em um surto agudo e imprevisível.

— Ah! Pelo amor de Deus minha mãe, vamos falar de coisas boas como a minha decisão de voltar em dois anos e abrir a minha estamparia em Pingo de Esperança. Aliás, já tenho dois sócios: o Nestor e o Falópio, que está mexendo com a sua pequena firma de artesanato e iniciou agora uma pós-graduação em designer, que, certamente, nos será de grande valia.

*Sempre somos
obrigados a deixar
parte da bagagem para
que possamos voar.*

— Com essa animação toda, você já colocou ou tem o nome de sua empresa na cabeça.

— Está aí um problema. Não tenho. A senhora não quer me ajudar?

— Estamparia Crisálida! – chutou Pérola.

— Bonito, mas sofisticado. O povão nem sabe o que é crisálida.

— Então, que tal Borboletas Estamparia.

— Simples, objetivo. Gostei. Vai ser esse o nome!

— Vou ficar esperando algum troco pela criação – brincou a mãe.

No outro dia, Antônio partiu para a Suécia. Tanto ele quanto a mãe estavam tristes pela separação temporária, mas ambos sabiam que planos e metas, nunca é demais repetir, têm que ser buscados. Não há como caminhar em frente arrastando as coisas: sempre somos obrigados a deixar parte da bagagem para que possamos voar, assim como a borboleta se livra de cascas e fases.

Antônio e Nestor ficaram encantados com Estocolmo. O laboratório lhes disponibilizou uma pequena casa localizada em área aprazível. Fazia tanto frio que eles nem quiseram andar muito pelo pequeno quintal.

— Haja tempo para nos acostumarmos com essa temperatura – exclamou Nestor.

— Ânimo homem. Afinal, se não fosse o poder de adaptação da raça humana, não estaríamos aqui.

— Você tem razão. Mas que é frio em demasia, é.

Nestor e Antônio se voltaram quase que exclusivamente ao trabalho no departamento de química do laboratório. Uma vez ou outra iam

às festas de confraternização promovidas pela multinacional de renome. Porém, os dias cuidaram de empurrá-los para grupos de amigos diversos, uma vez que Nestor, além de mais extrovertido, era incomodado com seguidos telefonemas da namorada Cristiane, que tinha por hábito deixá-lo inseguro em relação à sua fidelidade.

— Que psicóloga incompetente me saiu essa Cristiane.

— Que foi, Antônio?

— Ora, eu até tenho estima por ela. Chegou a trabalhar na Pepê com minha mãe, quando ainda cursava faculdade. Mas não dá para entender essa tática de semear insegurança com o objetivo de prendê-lo.

— Ah, esse é o jeito dela.

— Estranho jeito para uma jovem naturalista e naturista radical, conforme eu já lhe falei, Nestor.

— Só acredito vendo, Antônio!

— Talvez ela só se lhe revele quem é após o casamento.

— Que ojeriza, amigo Antônio.

— Nada disso. O que estou tentando lhe dizer é que Cristiane não é má pessoa, porém não é o que os interioranos costumam chamar de moça casadoura. Ela é a famosa mulher de ninguém.

— Pode ser. Todavia ela será minha. Isso eu lhe garanto.

— Vamos então mudar de assunto, já que no tocante à Cristiane só Cristo para lhe abrir os olhos.

— Nem Cristo – asseverou Nestor.

Nada como um dia após o outro. Antônio e Nestor já se sentiam à vontade em Estocolmo. Descobriram nos arredores alguns brasileiros e ficaram amigos em especial dos brasileiros de origem libanesa Jandira e Elias Maboub, que eram seus vizinhos. Maboub estava há muitos anos na Suécia. Aposentou-se como trabalhador de mina de ferro, que é uma das riquezas que compõem a economia sueca, e resolveu não voltar para o Brasil. O casal Maboub tinha três filhos: duas belas moças e um rapaz, que era o único brasileiro. As jovens haviam nascido em solo sueco.

— Nestor, Antônio, Nestor...

Era Maboub, gritando no fundo do quintal, que fazia divisa com a pequena área externa da casa onde moravam Nestor e Antônio.

— Que foi, senhor Maboub? — veio atender Antônio.

— Estou precisando de um favor de vocês.

— Manda lá.

— Antônio, eu e Jandira vamos passar 15 dias no Brasil e gostaríamos que vocês tomassem conta de nossos dois cachorros.

— Mas, senhor Maboub, eles são enormes e ferozes. Nós não temos amizade com eles. Desculpe-me, contudo não dá.

— Por favor. Você sabe que meus filhos moram fora de Estocolmo e não podem ficar à minha disposição. Tem que ser vocês.

— Como, Maboub?

— Olha, já mandei fazer essa pá de alumínio com esse enorme cabo, para que vocês depositem a comida no tabuleiro que fixaremos próximo do muro.

— E como faremos com a água?

— Está vendo esta lata com essa corda? É só vocês a puxarem para encher de água e depois descê-la...

— E a limpeza da sujeira de seus monstrinhos caninos?

— Quanto a isso vocês não precisam se preocupar. O senhor que os adestrou virá nos fins de semana para catar as fezes dos cachorros e dar uma geral no quintal.

— Está bem. Aceito a missão, apesar de achar arriscada a tarefa. E o nome dos bichos?

— Branco e Pintado.

— É, dá pra entender. Afinal, um é branco e o outro é pintado. Maboub riu.

— Amanhã, Antônio, eu deixo os pacotes de ração na sua casa.

No outro dia, Maboub aperta a campainha bem cedo, portando alguns pacotes de ração canina nos braços. Nestor o atende sonolento.

— Desculpe-me a hora, Nestor. O Antônio lhe falou sobre os cachorros?

— Sim, senhor Maboub. Tomara que dê tudo certo. Mas, por favor, volte logo do Brasil.

Nos três primeiros dias a função de zeladores de cachorro era cumprida sem percalços pelos dois amigos. Chegavam ao muro, gritavam pelos cachorros Branco e Pintado e lá vinham os canzarrões

latindo ferozes como se estivessem indo ao encontro de algum inimigo. Todavia, no quarto dia...

— Pintado, Branco...

E apareceu apenas o Pintado.

No quinto dia...

— Branco, Pintado...

E apareceu apenas o Branco.

Daí Antônio, preocupado, contou o caso para Nestor, que achou o fato muito curioso. Foi até o muro da divisa a fim de verificar:

— Pintado, Branco...

E surgiu apenas o Pintado. Puseram a gritar pelo Branco e nada.

— Olha, Antônio, não sei o que ocorre, mas isso prenuncia uma anormalidade qualquer.

— Você sabe o endereço do tal adestrador que ficou de vir nos fins de semana?

— Está na gaveta da cômoda de meu quarto. Espere um instante que vou pegar o endereço e telefonar...

Na volta, Antônio veio com a notícia de que o adestrador só viria na manhã seguinte. Mas pediu que o caso fosse explicado numa delegacia mais próxima, a fim de que se fizesse um registro e fosse solicitada a presença policial, com o objetivo de se evitarem problemas futuros. E assim foi feito.

No dia seguinte, na hora combinada, chegaram a viatura policial e o adestrador, que foi logo dizendo:

— Esse revezamento dos cachorros é indicativo de um problema qualquer. À toa é que não é.

— O que será, meu Deus? — rogou Antônio.

O adestrador, que tinha a confiança dos cães, entrou primeiro na casa, prendendo os dois cães no canil.

— Podem entrar agora.

De arma em punho, dois policiais foram entrando e averiguando cada compartimento da casa. Daí todos ouviram uma voz fraca, como de alguém em agonia.

— Gente, estou aqui. Salvem-me.

— Veio da suíte que fica no segundo andar — afirmou o adestrador, que conhecia bem a casa.

Os policiais subiram as escadas em passos ligeiros e ao adentrarem o quarto depararam com um homem deitado no alto de um guarda-roupa. Desceram-no. Tratava-se de um ladrão que, observando estar a casa sem a presença dos moradores, pois os viu partirem, resolveu arrombar uma das janelas e invadir a residência. Todavia foi perseguido pelos dois cães e, acuado, sua única saída foi subir no guarda-roupa.

— Senhores policiais, eu pensei que os cachorros me dariam uma trégua, que toda a fúria deles logo passaria. Mas não. Eles jamais me deixaram só, sem a vigília de um deles. E aqui estou eu dando graças a Deus por ter sido preso, porque já não suportava mais a sede, a fome e o princípio de desidratação...

A cena parecia fazer parte de uma tragicomédia escrita por criativo dramaturgo. A platéia só não caiu na gargalhada por respeito humano ao estado lastimável do desastrado e infeliz ladrão: descabelado, todo urinado e fedido...

Responsáveis pelos cães, Antônio e Nestor se sentiram também guardiões da casa e, dessa forma, cuidaram de limpá-la e mandar consertar a janela principal arrombada pelo ladrão e pela qual, atrás, também entraram os cães. No restante dos dias, tudo correu em perfeita e santa paz.

— E aí, como se deram com os cães?

Era Maboub gritando enquanto apertava a campainha. Contaram tintim por tintim o insólito acontecimento, que levou o ouvinte a risadas incontroláveis.

— Muito obrigado por tudo. Até pela história verídica, mas inacreditável.

— Que nada, senhor Maboub. Sou eu quem agradeço. Seus cães me passaram uma lição preciosa!

— Que lição, Antônio?

— A lição de quanto é importante a divisão ou distribuição de tarefas para a realização de qualquer trabalho. Não cabe mais nas empresas gestões centralizadoras, montadas em estruturas burocratizantes.

— Se é assim, já que você promoveu meus cães a professores e de de graça recebeu ensinamentos, estamos literalmente quites.

Rindo muito, Antônio conduziu Maboub até a porta.

Velozes passaram os dias. Antônio, mais que adaptado à rotina, estava absorvido pelas pesquisas avançadas no departamento de química do laboratório. Uma vez por semana falava com a mãe ao telefone. Não demorava muito e ele completaria um ano de Suécia.

— Mãe, já estou prestes a receber diploma de pingüim.

— Que bom você ter me ligado, Antônio. Eu preciso mesmo lhe falar.

— Por que, mãe? Que foi?

— Outro dia fui a um sepultamento em Pingo de Esperança e fiquei surpresa.

— Surpresa com o que, mãe?

— Vi um túmulo com lindas flores. Todas elas típicas do Capão das Borboletas. Então resolvi indagar ao administrador sobre o túmulo, que dispõe de uma espécie de subsolo com corrente de ar, lavatório, banheiro com chuveiro, roupas, chave para ser aberto pelo lado de dentro, um celular, alto-falante para potente comunicação com o exterior e outras maluquices...

— E a que faraó pertence essa maravilha de tumba?

— Não seja cínico, Antônio. Foi você quem o mandou construir. Ele é seu.

— Sem estresse, mãe. Eu ia contar para a senhora, mas nunca surgia a oportunidade certa. Confesso-lhe e quero que saiba que não fiz isso por maluquice não. Ao contrário, foi para não ficar maluco e levar uma vida normal. Com aquele túmulo, ainda que eu seja enterrado por um erro médico qualquer, poderei levantar-me e sair...

— Mas, meu filho!

— Não tem essa de mas, minha mãe. Sofro de uma doença rara e não quero correr riscos, ainda mais agora que estou prestes a fincar moradia em Pingo de Esperança, que todos sabemos é tão malservida de atendimento médico.

— É, lá não tem mais o doutor Karajan...

— Então eu estou com razão. Se algum dia eu for jogado na tumba vivo, eu, tumba, saio dela num piscar de olhos...

— Não brinque com isso, por favor. E, no mais, um beijo.
Recomendações ao Nestor.

A descoberta do túmulo pela mãe não chateou Antônio. Em verdade, ele se sentia aliviado, pois há muito queria revelar o seu misterioso engenho fúnebre e não encontrava nem hora, nem meio nem palavras. Ufa! Estava tudo resolvido.

— Antônio, me empreste, agora, o equivalente a mil reais em coroas suecas.

— Eu não tenho tantas coroas, aqui comigo, Nestor. Mas se você puder esperar até mais tarde, eu irei ao banco...

— Então me providencie, entretanto até lá não sei o que farei.

— Você não está aprontando alguma loucura em terra receptiva, porém estranha?

Está ou não está, senhor Nestor?

— Não se avexe não, homem. Claro que não, Antônio.

— Então, o que é?

— Sabe a mulher do chefe do departamento de cosméticos do laboratório?

— Eu sei. Aquela que todos saem com ela?

— Essa mesma. O problema é que ela cobra caro, por uma tran-sazinha...

— Problema seu, Nestor. Eu estou, momentaneamente e sem trocadilho, fora desse negócio de coroas para uma coroa sueca. Só à tarde, após ir ao banco, poderei arrumar-lhe a grana.

— Então eu vou fazer uma manobra tresloucada para não faltar ao encontro que já está marcado. Não sou homem de deixar uma bonita daquelas me esperando.

— Então Nestor, corra, vá providenciar a grana. E vê se usa camisinha, a Cris é doída, mas não merece ser vítima de doença venérea importada.

— Disso não precisa me lembrar. Normalmente, já uso mesmo e ainda mais em se tratando daquela profissional casada com aquele executivo que parece se fazer de bobo para viver... Ou melhor, continuar casado.

— Como resolverá a questão do dinheiro?

— Ah, sou brasileiro. Vou dar um jeitinho. Tenho um plano; vou conseguir o dinheiro hoje e devolver hoje mesmo – garantiu Nestor.

Tudo isso se dera de manhã e o encontro seria à tarde. Era dia de folga do Nestor, que correu até a empresa em busca do empréstimo.

— Pode emprestar-me, doutor. À tarde eu deixarei o dinheiro em sua própria casa. Integralmente devolvido.

— Se é assim, está bem. Todavia, ai de você se não me restituir a quantia ainda hoje.

— Nem precisa se preocupar. Devolverei à tarde, sem falta.

Voltou em casa, tomou um banho, perfumou-se e se dirigiu à mansão da esposa traidora. No caminho ele ia pensando: “com relação à minha Cris o Antônio está errado, mas que existe mulher de ninguém é vero”.

Numa ocasião assim, com hora marcada, consciência pesada, o temor de algo sair errado, homem algum faz sexo ou amor, ele faz mesmo é um serviço malfeito e comprometido pela ejaculação precoce.

— Que é isso, Nestorzinho? Você me parece apavorado – falou a sueca, que já tinha os seios de fora, tirados pelo afoito Nestor, enquanto pegava o dinheiro e punha sobre o criado-mudo.

Como se fosse galo, Nestor já se recompunha, como que coagido a assim proceder por algum anjo protetor de plantão.

— Nossa, Nestor, você está todo suado. A roupa lhe colou no corpo.

— É, madame, eu hoje estou com espírito de panela de pressão. Sou uma máquina a vapor...

Saiu sem beijinho de despedida nem nada. E mal havia deixado a casa, encontra o chefe no meio do quartoirão.

— Que é isso? Você está passando mal, que suadeira é essa?

— É que eu tenho uns probleminhas para resolver, mas como palavra dada para mim é documento assinado, fiz questão de deixar o dinheiro que me emprestou em sua casa.

— Nossa, que ligeireza, colega Nestor.

— O doutor nem imagina quanto eu consigo ser rapidinho.

Estavam tão próximos da casa que a madame escutou a conversa dos dois e chegou ao portão. O marido acenou para a mulher e foi logo gritando:

— Que bom o Nestor já ter trazido o dinheiro que lhe emprestei, pegue para mim. Eu só vim para pegar uns contratos que esqueci no escritório.

Sentindo-se ludibriada e sem poder reclamar, a mulher, que tremia da cabeça aos pés, passou a grana para o marido.

— Não dá para entender esse mundo. O Nestor todo suado e você aí trêmula de frio. Vá pôr um agasalho, querida!

A passos largos, Nestor foi direto para casa. Consciência pesada era o preço de sua tesão incontida. Na sala cruzou com Antônio.

— Deixei as coroas que me pediu em seu quarto.

Sem uma palavra, Nestor foi ao quarto e retornou com o dinheiro, devolvendo-o ao amigo... Por muitos dias, ele ficou amuado, andando cabisbaixo pelos cantos, pois seu instinto sexual animal havia espantado as borboletas que lhe davam prumo à alma. E como elas sempre voltam, o remorso, é certo, passaria.

CAPÍTULO VI

SIMPLES VÔO



Quero que você me adoce sem doce
Como se eu fosse diabético
Respeite meu desequilíbrio particular
Aceite meu jeito correto de remar torto
Sou ereto enquanto antiestético
Ser desajeitado é o meu conforto
Por isso jamais me apreme
Nem se enciúme de minha destemperança
Em mim você é presença constante
Carne amante na manteiga
Meiga mulher em farto melaço
Embarço-me no desregro do amor
Salgo-me no suor hipertenso do abraço
Minhas mãos em intenso calor frenético
Jogam fora o controle dietético
A vida se torna incerta coisa boa
E feito borboletas a gente simplesmente voa!

Carlos Lúcio Gontijo

— **A**nimo amigo, amor e sexo de qualidade não são fáceis de encontrar — comentou Antônio.

— Ainda mais da forma que eu fui buscar — aquiesceu Nestor.

De qualquer forma, Nestor mudou completamente o seu comportamento. Trocou o mulherio por ufologia e credices, passando a freqüentar novos grupos de amigos suecos.

— O que você acha da ufologia, discos voadores?

— Não deixo de crer, mas acho que os primeiros extraterrestres com os quais devemos manter contato imediato são as outras pessoas — o próximo.

— Como assim, Antônio?

— Cada um de nós é espiritual e psicologicamente um mundo à parte. Na maioria das vezes não nos conhecemos na profundidade necessária.

— É, você não deixa de ter razão.

— Claro que tenho, Nestor. Nosso grande dilema com o problema da auto-estima é que nos encontramos e nos entendemos de forma definitiva à medida que saímos de nós mesmos para as outras pessoas. É da confiança dessa entrega que a auto-estima se torna real e estabelecida em alicerces emocionais menos frágeis. Definitivamente, nós não podemos ser a medida de nós mesmos. É através do outro que nos descobrimos e temos a noção exata de nossas dimensões.

— Vejo que a filosofia moldou bem a sua opinião.

— Sim, ter cursado filosofia, além de botânica, foi muito bom. Contudo a própria vida vai abrindo-nos horizontes nesse sentido.

Lembro-me de um mestre-de-obras chamado Sebastião, que era muito amigo de meu pai Pedro. Ele andava com problemas de baixa auto-estima, introspectivo, caminhando para cair em depressão. A família sacrificou suas economias para que ele fizesse um longo tratamento psicológico em clínica particular. E o homem foi se fortalecendo emocionalmente, encheu-se de auto-estima.

— E aí tudo voltou ao normal?

— Apenas aparentemente, porque ele, ao invés de sair para os outros, mergulhou em si mesmo, julgando-se o centro do universo. Os limites do mundo não ultrapassam os arredores de seu umbigo. E a família passou a viver em torno de uma ilha de egoísmo e insensibilidade.

— Meu Deus, como ele agia? Dê-me ao menos um exemplo.

— A renda da família era pequena, amigo Nestor. Dessa forma, os seis filhos não tinham carne todos os dias no prato. Geralmente, uma vez por semana. Todavia, no prato do Sebastião, que os amigos chamavam Tião, nunca faltava um grande e suculento bife.

— Que absurdo, Antônio!

— Eu era criança e muitas vezes entrei na casa embebida em cheiro de bife frito e vi os garotos com que brincava comendo arroz, feijão e um ovo estalado.

— Mas isto não é auto-estima. É egoísmo, Antônio!

— Isso mesmo: a auto-estima semeada de fora para dentro, em que a pessoa só vê ao seu redor o reflexo de si mesma, cria os monstros egoístas de que o mundo está cheio. Como eu disse no início, a autêntica e benéfica auto-estima vem da confiança de se sair para o outro de forma aberta e enjanelada.

— Talvez você tenha razão.

— Talvez não. É esse o caminho. Por isso, dentro da certeza de que não nos conhecemos, acho uma grande bobagem essa busca por contato com extraterrestres, quando a causa maior e mais promissora ao engrandecimento da raça humana seria o nosso contato imediato com as outras pessoas, com nossos irmãos terráqueos.

— Então, você condena a minha participação em grupo ufológico.

— Não, Nestor, de forma alguma. Talvez você tire algum proveito, amplie sua sensibilidade, sei lá.

— Vou continuar com a turma, pois assim preencho os meus fins de semana e não caio em conquistas baratas e às vezes caras como a daquela madame.

— Por falar em madame, como está o seu romance com a Cristiane, Nestor?

— Ah, Antônio, apesar desta distância dificultar tudo, até que vai indo bem. Estamos pensando em nos casar assim que se passarem esses dois anos de contrato com o laboratório.

— Não posso nem devo opinar sobre isso, afinal você está em estágio mais avançado nesse aspecto. Eu ainda tenho que encontrar minha cara-metade.

— Não se desespere, que essa princesa encantada em breve bater-lhe-á à porta, amigo Antônio.

— Dá-me licença que eu vou para o meu quarto e, em vez de telefonar para minha mãe, vou passar um e-mail para ela. Apesar de ela achar esse meio de comunicação frio e distante, sobre o qual não se pode sequer verter lágrimas.

— Bobagem, diga à sua mãe que é só ela tirar uma cópia na impressora.

Antônio foi para o quarto, tomou um banho e foi logo para o computador.

“Querida mãe Pérola, estou aqui experimentando um intenso aprendizado científico e, principalmente, no campo administrativo. Os suecos levam muito a sério o planejamento e não vêm no tempo gasto no preparo de projetos uma perda de esforço. Por mais simples que seja, todo projeto sueco demora, no mínimo, dois anos para sair da incubadora e se concretizar de forma efetiva. Ao contrário de nós, tão dominados pelo pensamento único imposto pela globalização, em que a cobrança de resultados imediatos é uma obrigação desabridamente imposta, os empreendedores suecos discutem à exaustão todas as idéias e propostas através de seguidas reuniões. O resultado dessa cultura inversa à do afogadilho e das improvisações que bem conhecemos é que as empresas suecas, uma vez implantadas ou ampliadas, não sofrem o drama dos percalços provocados por revisões de última hora.

Dá-me um nó no peito quando comparo a extensão territorial e as riquezas naturais brasileiras com a Suécia e percebo que os suecos conseguiram fazer do pouco muito e nós, feito um Midas ao avesso, empobrecemos e contaminamos com ferrugem tudo o que tocamos. Mãe, o país é do tamanho do estado de São Paulo, tem dois milhões de habitantes e Estocolmo, sua maior cidade, tem cerca de 500 mil habitantes.

No entanto, a Suécia foi capaz de criar, gerenciar ou ter elevada participação no capital de empresas multinacionais como a Volvo, Scania, Mercedes caminhões, Ericsson, Electrolux, ABB, Nokia, Nobel Biocare... Leio muito sobre o país e passei a ter o hábito de procurar análises de brasileiros que aqui estão há muito tempo sobre o povo sueco. Ainda ontem, pela internet, peguei um pronunciamento-testemunho bastante significativo a respeito do sentimento coletivo que caracteriza os cidadãos da Suécia. Narra um brasileiro que, como eu, chegou aqui num mês de setembro, quando frio leve e nevasca são comuns, que seu colega de trabalho o pegava em casa todos os dias, levando-o de carro até a empresa, que possuía dois mil funcionários. Notou o operário brasileiro que o companheiro sueco, mesmo chegando cedo, estacionava seu automóvel em vaga quase no final. Inculcado com o repetido procedimento, assim que ganhou mais intimidade com seu gentil colega, perguntou-lhe: Tenho notado que chegamos cedo todos os dias, ainda com o estacionamento vazio, mas você sempre põe o carro lá no final. Vocês têm lugar pré-demarcado? E lhe responde o sueco: “Não, não temos vaga demarcada. É que, se chegarmos cedo, então temos tempo de caminhar. Quem chegar mais tarde já vai estar atrasado; melhor que fique mais perto da porta de entrada. Você não acha?” Proveniente de uma cultura onde a ordem é levar vantagem em tudo, o brasileiro ficou sem saber o que responder... Deixou o silêncio falar por ele!

Indisfarçavelmente, a metodologia bem-sucedida de planejamento bem-estudado e sem pressa aplicada na gestão empresarial pelos suecos vai de encontro à civilização fast food que impera mundo afora. A pressa que o capitalismo nos impõe, sob o lema de que tempo é dinheiro, precisa de um contraponto. Tempo deve passar a ser sinônimo de vida. Que tal mãe, quando nos reencontrarmos, convidarmos os

amigos para um almoço em que o horário marcado para a presença de todos seja no momento em que se iniciar o preparo dos alimentos, para que os convidados curtam o cheiro dos condimentos, sendo cozinhados ou fritos, pela casa afora, no convívio conosco. Depois, à mesa, comer e beber sem pressa, devagar, com qualidade, saboreando os alimentos, sentindo-os, degustando-os.

Ao voltar, mãe, não quero nem pretendo dar suporte à pressa enlouquecedora determinada pelos preceitos que (des)orientam a globalização neoliberal, alicerçada no apelo à quantidade do ter em contraposição à qualidade do ser.

Como empresária, eu sei que a senhora deve estar a questionar: como este meu filho vai montar uma empresa dentro de tais parâmetros? O que eu tenho a dizer, querida mãe, é que eu não estou propondo que as pessoas trabalhem menos, o que eu planejo é uma tomada de atitude sem pressa, que não significa fazer menos nem implica diminuição do índice de produtividade. O que tenho em vista, para os que forem meus funcionários na Borboletas Estamparia, é trabalhar com mais qualidade e produtividade, com maior perfeição, atenção aos detalhes e com menos estresse.

Dados importantes têm chamado a atenção de toda a Europa e circulam com muita fluidez entre os suecos. A senhora sabe que os trabalhadores franceses, por exemplo, embora trabalhem menos horas (35 h/semana), são mais produtivos que os seus colegas americanos ou ingleses? E tem mais, mãe: os alemães, que adotaram em muitas de suas empresas uma semana de 28,8 horas de trabalho, assistiram a um crescimento de produtividade que gira em torno de 20%.

O ser humano necessita de retomar valores da família, dos amigos, do tempo livre, do lazer, dos pequenos prazeres do cotidiano e até mesmo uma aproximação maior com as energias invisíveis, cada vez menos sentidas e perceptíveis por nossas mentes petrificadas pelo predomínio da visão materialista, que nos transformou em herdeiros radicais de São Tomé.

De certa forma, a senhora já implanta, intuitivamente, esse sistema em nossa Pérola & Pedro Alimentos, e talvez por isso essa filosofia de humanização das administrações empresariais me tenha tocado tão

visceralmente. Creio mãe, com todas as forças de meu coração, na possibilidade de constituição de um ambiente de trabalho menos coercitivo, mais alegre, menos inibidor de vocações e talentos e, portanto, mais produtivo, onde seres humanos cumpram suas funções com satisfação e doando toda a sua capacidade.

A única pressa que hoje me move, mãe Pérola, é a de viver cada minuto, nada vale deixar de curtir a família, de ficar com a pessoa amada, fazer uma oração aos domingos, independentemente de crença religiosa. Nosso amigo Henrique, por exemplo, não tem o costume de ir à missa aos domingos, mas quando o vejo quieto, silencioso num canto do borboletário do Capão das Borboletas, esfregando uma mão na outra, tenho certeza de que ele está orando e os nós de calo em suas mãos são mais calorosos e mais eficientes na comunicação com o Criador que as contas de um terço. Enfim, mãe, pés no chão é bom, mas o vôo é absolutamente necessário à nossa alma. Aliás, viver intensamente é preciso, pois, se chegamos ao futuro sem asas, de que nos terá valido o estágio de larvas?”

CAPÍTULO VII

RESGATE DE BORBOLETAS

Vi meninas em seus olhos
Traquinas atrás de borboletas
E você amante e lânguida
Refletindo luz cambiante
Deu-me um longo beijo
Em despojado ensejo protetor
Fazendo em meu lábio pousar
Aquele mar de borboletas do amor!

Carlos Lúcio Gontijo



Pérola recebe o e-mail do filho em contentamento. Tirou cópias para os funcionários, como se quisesse dizer-lhes que seus métodos administrativos eram o prenúncio de um tempo novo, cujos laivos aqui e acolá iam prosperando no sentido de resgatar o ser humano da roda-viva sem vida a que a competição extremada o conduziu. A palavra de ordem era amor ao próximo e cooperação.

— Alô, Antônio. Que belo e-mail você me enviou. Vejo que, daqui a seis meses, receberei de volta um filho sob a capa de outro homem.

— Nisso a senhora tem razão. Aprendi muito com a cultura sueca-européia.

— Estou feliz, Antônio. Agora, só falta você encontrar a mulher amada.

— Sobre isso também tenho novidades. Já pincei aquela que faz meu coração enlouquecer...

— Quem é essa garota, meu filho?

— Mãe, por enquanto não posso dizer nada.

— Mas por quê?

— Não posso porque ela ainda não sabe de minha paixão.

— Filho, isso está parecendo coisa de criança.

— Então é amor mesmo, pois os que são tocados por este sentimento se infantilizam por uns tempos. É como se a semente do amor reivindicasse a pureza da criança que um dia fomos para germinar em nosso peito.

— Afinal, em que dia você revelará seu amor à minha nora?

— Pare com isso, mãe! Talvez amanhã, no aniversário do pai dela.

— Que seja feliz, que encontre receptividade sincera é o que lhe desejo do fundo de meu coração de mãe.

Antônio desligou o telefone e, antes de tomar o caminho do trabalho, bateu à porta do quarto de Nestor.

— Oh, Nestor, não trabalha hoje?

— Não. Estou folgando. Vou trabalhar no domingo.

— Desculpe-me, esqueci de que você trocou de horário com um colega.

— Já ia mesmo me levantar. Tenho um encontro com o pessoal da ufologia.

— Bons contatos! – brincou.

Antônio foi pegar no batente, sob a aflição de que a noite chegasse logo. Reservado, não havia falado de seu sentimento sequer para o Nestor, que certamente ficaria surpreso. Apesar da ansiedade que corroía o interior de Antônio, a noite chegou na hora que a ampulheta do tempo bem quis. Contudo, uma coisa a magia da paixão modificara: ardia no coração de Antônio o sol de verão brasileiro, pois ele vivia em seu âmago a estação cordiforme do amor.

— Olá, amigo Maboub.

— Boa-noite, Antônio. Percebo que você já se acostumou com o clima. Está trajando camisa de manga curta...

— É, hoje, em especial, estou sentindo um calorzinho.

— Vamos entrando. Ali estão minhas filhas Lenir e Clélia, e o meu filho Nivaldo. Você já os conhece de vista.

— Sim, eu os conheço. Afinal, nossas casas são próximas e nossos quintais são separados por um muro que não é muito alto...

— Pois é. Acomode-se e vá entrosando-se com a moçada.

Nisso vinha a esposa do Maboub...

— Jandira, aqui está o Antônio. Já me revelou que está louco para tomar conta de nossos cães de novo.

— Se for preciso, no espaço desses próximos seis meses, eu topo, dona Jandira.

... no sentido de resgatar o ser humano da roda-viva sem vida a que a competição extremada o conduziu.

— Por que seis meses? — interveio Lenir, para sorte de Antônio. Ela era o alvo...

— Vence o meu contrato com o laboratório farmacêutico e eu planejo voltar ao Brasil, onde pretendo abrir uma estampanaria.

— Fico feliz por você ter projetos, mas entristece-me vê-lo partir.

Conversaram olhos nos olhos. Socióloga e doutora em administração, Lenir não continha a emoção nem administrava suas mãos que buscavam as mãos de Antônio, que também procuravam o entrelaçamento como fios que se juntam para dar vazão à energia e acender no coração a luz do amor. Dali em diante, a paixão seguiu seu curso, conversando ou silentes eles dialogavam dentro do idioma que os amantes tão bem conhecem.

— Quer dizer então que você tem grande intimidade com as borboletas, Antônio...

— Aprendi com elas que a brevidade da vida não nos serve de desculpa para não realizar as coisas.

— Nisso você tem razão, Antônio. Geralmente, falta de tempo não passa de inabilidade em relação à administração do tempo.

— Há um verdadeiro complô contra a amizade, a convivência em comunidade, a família enfim. O hedonismo está eliminando a indispensável prática do amor ao próximo, que mais que discurso cristão é um preceito social sem o qual as relações humanas empobrecem — completou Antônio, perante uma Lenir toda eternizada

— Na condição de socióloga, festejo a preocupação com a melhoria do ambiente no trabalho que vem ocupando cada vez mais espaço no âmbito da política empresarial.

— Observei isso claramente, Lenir. Talvez assim possamos dar início a uma sociedade que não se deixe enganar por falsos líderes.

— Tomara Antônio, pois chega da sentença de que não é preciso ser humano para comandar a sociedade. Basta ser esperto o suficiente para manobrar o ódio e os medos que habitam o coração das pessoas.

— E toda essa carga de recalque advém de relações mal resolvidas, inclusive as trabalhistas.

— Concordo plenamente com você, Lenir. E tem mais: os que sabem de nossos defeitos e continuam nos amando são apenas os fa-

miliares, pois na imensa maioria das vezes os amigos são intolerantes ou utilitários. Ou seja, se mantêm por perto na medida em que tiram alguma vantagem da convivência.

— Lamentavelmente, Antônio, a conduta humana, seja do ponto de vista social, político ou psicológico, permanece mais que nunca guiada pelo ganho material, com forte predominância do complexo de Zeus.

— Sei, aquela figura mitológica que é conhecida também como Júpiter e que era tida como um deus supremo nas mitologias grega e romana, capaz de lançar raios, dissipar nuvens e fazer chover.

— Isso mesmo. A sociedade não precisa mais de fazedores de chuva – pontuou Lenir.

— Nem de cruéis e vaidosos lançadores de raios – emendou Antônio.

— Por falar em vaidade, Antônio, tenho por mim que tudo diminui com o passar da idade, menos a vaidade...

Riram abraçados e trocaram beijinhos e carícias, diante de todos, mas sentindo-se encobertos e protegidos pelo cortinado de seda fina, daquelas que as caravelas transportavam mundo afora como disputada especiaria, que todo amor verdadeiro encomenda – e pelos deuses é atendido – nessas horas de natural libido.

— Vejo que vocês são mais que bons amigos! – aproximou-se Maboub, acompanhado da família.

— Nem nós sabíamos – responderam a um só tempo Antônio e Lenir.

— Que bom, minha irmã. Fico feliz por você, Lenir... – festejou a irmã, Clélia

— Minha filha, que bom. Vocês formam um belo par – engatilhou dona Jandira, que como mãe já tecia no tear da retina véus e grinaldas...

Naquela noite, já ao adentrar da madrugada, Antônio não dormiu nem deixou dormir o companheiro cansado de andar até de noitão atrás de sinais da existência de extraterrestres, além de ouvir palestras e mais palestras de mestres que se revezavam no relato de suas proesas em torno de contatos imediatos, viagens estelares, naves etc.

— Acorde, homem, saia dessa cama. Acabei de ter um contato imediato daqueles. Fui abduzido, caro Nestor.

As palavras soaram como um despertador mágico aos ouvidos do crédulo Nestor...

— Quê, você esteve numa nave? Sofreu alguma intervenção física? Colocaram-lhe um chips?

— Calma, Nestor, não é nada disso. Eu encontrei a minha cara-metade que estava bem próxima de mim, tão perto que eu nem percebi.

— Nossa, que confusão! Deixe ao menos eu passar uma água no rosto, para suportar esse excesso de informações truncadas.

Passados alguns minutos lá estava o Nestor de volta.

— Então vamos lá. Uma coisa de cada vez. Primeiro os extraterrestres.

— Não, Nestor, não tem nada de disco voador. Porém, é como se eu tivesse visto um, pois entrar em contato imediato com o amor por uma mulher é realmente navegar entre estrelas, é pousar em um outro mundo: o coração do outro.

— Estou captando a mensagem, meu caro astronauta Antônio. Metaforicamente, o senhor quer me dizer que encontrou a mulher da sua vida. Aonde chegou, em que galáxia o jovem desbravador do espaço sideral prospectou tão cobiçada pedra preciosa?

— Sem mofa nem chiste. Não zombe.

— Calma, sô, eu estou apenas brincando. E, além do mais, eu é quem devia estar nervoso, cuspidando marimbondos por ter sido acordado.

— Olha, Nestor, eu e a filha do Maboub iniciamos namoro. No entanto, é como se já nos conhecêssemos há muito tempo, em outra dimensão, sei lá...

— Sei como é. Vivi a mesma coisa quando bati o olho em minha Cris.

— Então você pode compreender meu riso frouxo, meu olhar brilhante, meu jeito de nefelibata convicto e extremamente disposto a acreditar que o céu não é o limite, que bem além dele existe uma mulher onipresente, que ocupa todos os vãos e cantos do meu ser, que me envolve e me aquece como se plumagem tivesse. Aliás, para lhe ser franco,

ela tem plumagem sim: quando os olhos eu fecho, eu a vejo num local parecido com o borboletário do Capão das Borboletas, e sobre ela, extasiado, assisto ao derramar de uma poeira de luz dando brilho à sua plumagem colorida.

— Amigo, isso é mesmo paixão, posso garantir e passo recibo. Todavia, chega de sarambeques do amor e me diga logo quem é a moça. Ou você se esqueceu de que o senhor Maboub tem duas filhas.

— É a Lenir.

— Bem escolhido; ela é uma linda mulher.

— Epa, tenho que ligar para a minha mãe.

— Mas a essa hora?

— Sim. Em caso de amor toda hora é hora. Pode voltar a dormir.

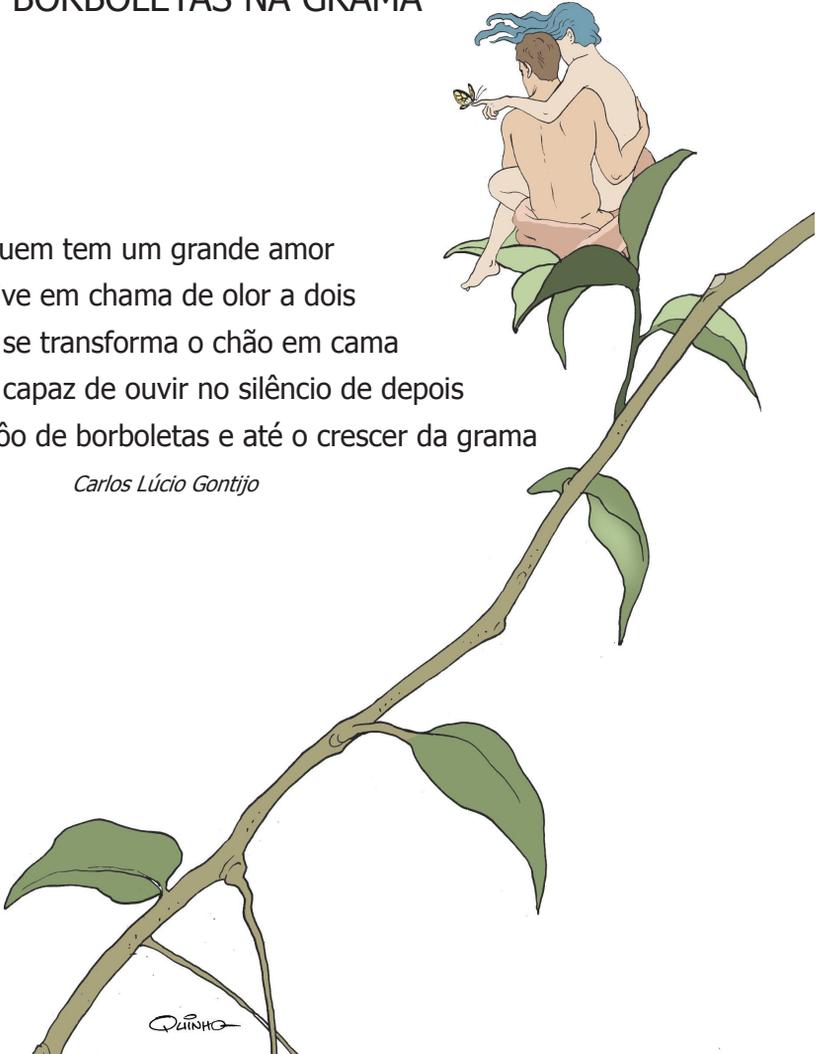
Foi assim dizendo e já se encaminhando para o quarto onde ficaria desfibrando seu amor aos ouvidos da mãe, que por seu turno a tudo enovelava no coração, inconscientemente tricotando sapatinhos de lã para o neto não fecundado, porém uma crisálida dependurada nas teias do tempo inexorável que passa, e em algumas vezes acende luzes, noutras apaga. Era tempo de colher claridades nas vidas de Antônio, Pérola e de Lenir que, fazendo jus ao nome, veio abrandar, suavizar, abrir em leque os horizontes. E, assim, lenificado, sob o resgate das borboletas da esperança que todo amor semeia, Antônio apaziguou a excitação de sua alma e pegou no sono, sob o manto diáfano da filosofia que nos ensina que as borboletas chegam com as flores e não antes; assim como não adianta temporada de chuva para o lavrador que não cuidou de aração. Ou seja, tudo conspira no sentido de tornar cada vez mais atual o provérbio popular que nos diz que, quando o discípulo está pronto, o mestre aparece.

CAPÍTULO VIII

BORBOLETAS NA GRAMA

Quem tem um grande amor
Vive em chama de olor a dois
E se transforma o chão em cama
É capaz de ouvir no silêncio de depois
Vôo de borboletas e até o crescer da grama

Carlos Lúcio Gontijo



O relacionamento entre Antônio e Lenir crescia em amor e projetos. Ele não apenas voltaria para o Brasil ao fim de seu contrato de dois anos na Suécia, mas também se desvincularia do grupo farmacêutico. No fundo, sabia que sentiria saudades das pesquisas em prol da descoberta de novos medicamentos, principalmente na área dos fitoterápicos, que era a que mais o atraía. Porém, na vida, é pra frente que se anda.

Por seu turno, Lenir já havia trocado centenas de telefonemas e e-mails com a futura sogra, que lhe abria as portas de sua empresa, que, segundo desejava, deveria ser preparada para, em futuro breve, ter no corpo diretivo apenas funcionários, ficando a proprietária tão-somente com uma retirada módica. Pérola pensava em retornar para as bandas de Pingo de Esperança a fim de obter mais qualidade de vida e passar mais tempo com os amigos e a família. Tinha absoluta consciência de que não poderia alcançar essa meta sem abrir mão de algumas coisas. Na hora de toda mudança a tarefa exponencial é separar e escolher o que levar. Caminhante algum sai arrastando toda a tralha que juntou.

Ainda na Suécia, Antônio escolheu seu primeiro empregado: Guilherme Bicudo, que ficou por conta de cuidar da papelada burocrático-cartorial para a abertura de firma no Brasil. Outro que, na condição de sócio, era responsável pelo levantamento de custo dos equipamentos e matéria-prima para a constituição da Borboletas Estamparia era Falópio, filho de Marisa e afilhado de batismo de Pérola.

A contínua moedeira de dias deu-se ainda mais rápida sob o sopro da benfazeja e prazenteira felicidade em que se embebiavam os já

noivos Antônio e Lenir, que andavam aos beijos e abraços por onde iam: nas ruas, nas praças, nos gramados de parques e jardins.

— Saiba, Lenir, que as mariposas são os animais terrestres com o mais apurado faro.

— Mesmo, Antônio!?

— Sim. O macho é capaz de sentir o cheiro da fêmea, no período de acasalamento, a uma distância de cerca de onze quilômetros.

— Nossa, mas como isso é possível?

— Ela, a mariposa, emite um odor especial, que o macho pega no ar e segue...

— E você, Antônio?

— Eu o quê, Lenir?

— Sente o meu cheiro?

— Claro amor, não sou nenhum “mariposo”, mas o amor é capaz de realizar o milagre de sentirmos a presença de quem amamos ainda que ausente ou distante. O aroma da pessoa amada vai impregnando as coisas que nos rodeiam, alcançando até a nossa alma, que se deixa inebriar pela fragrância sublime do amor.

Beijos e nudez de corpos selaram a fala romântica e inspirada de Antônio...

Casaram-se dez dias antes de o contrato de trabalho de Antônio vencer, com o laboratório dispensando-o de cumprir os dias restantes. Pérola, Marisa e Falópio vieram do Brasil para o casamento, realizado em cerimônia simples em que toda a pompa se resumia no esplendor das cores do arco-íris que refletiam, com toda força e nuance, dos olhos dos nubentes, cujas retinas carregavam o pote do ouro esvoaçante do amor festejado por mil flores, borboletas e colibris, que habitam os jardins interiores e a alma dos que se amam...

A vida no Brasil se lhes iniciaria repleta de projetos. Nem bem se estabeleceram em Pingo de Esperança e já eram convidados para o casamento de Nestor com Cristiane.

— Não será por falta de aviso – resmungou Antônio.

O aroma da pessoa amada vai impregnando as coisas que nos rodeiam, alcançando até a nossa alma.

— De que fala? — indagou Lenir.

— Gosto muito da Cris, mas não é moça para o Nestor.

— Ah, amor, quem sabe dá certo!

— Tomara, mas acho quase impossível. Ela é flor exótica demais para ser cultivada...

— Vamos ser otimistas, afinal somos padrinhos — fechou o assunto Lenir.

O tempo seguinte foi de muito trabalho. Lenir montou um escritório todo informatizado e, mesmo residindo em Pingo de Esperança, deu início a uma grande reforma administrativa na fábrica de alimentos de Pérola. Uma vez por mês, viajava a Belo Horizonte a fim de realizar reuniões de avaliação junto aos funcionários, que eram preparados para a implantação de uma nova filosofia de gestão empresarial, na qual os empregados ganhariam mais autonomia e, com isso, mais responsabilidade no tocante ao progresso e crescimento do empreendimento empresarial.

Por outro lado, tarefa mais difícil era encarada por Antônio, Nestor e Falópio na fundação dos alicerces de uma nova empresa, literalmente erguida tijolo por tijolo, já que compraram terreno na periferia de Pingo de Esperança, onde construíram a sede da Borboletas Estamparia. Tudo seria bem mais fácil se os três sócios experimentassem um bom momento em suas vidas. Todavia, somente Antônio carregava uma aura luzidia e feliz.

Com apenas quatro meses de casado, Nestor tinha uma esposa já grávida — pois assim se casou — e emocionalmente complicada. Quanto a Falópio, os problemas começaram desde o dia em que ele lhe entrou escritório adentro com um convite pouco usual:

— Antônio, fale com sua esposa e sua mãe que amanhã é a festa de descasamento de minha mãe com aquele vagabundo do Damião, que além de quase acabar com a herança que o meu pai Romero deixou para a minha mãe, ainda lhe encheu a barriga com dois filhos.

— Que é isso, Falópio. Tudo bem com relação ao dinheiro, mas seus irmãos, ainda tão crianças, não têm nada com isso. Eles carregam o seu sangue, o sangue de sua mãe.

— Nada disso. Não penso assim. Eles são fruto de um casamento desastrado, em que uma das partes, o Damião, pretendia mesmo é dar o golpe do baú.

— Mas e daí, o que tem os seus irmãos, aos quais você deve amor, com essa leréia?

— Tudo, Antônio. A começar pelo vício de origem.

Diante de tanto fel, Antônio cuidou de cortar o assunto...

— Está bem. Nós vamos à festa de descasamento. Onde será?

— No Capão das Borboletas, claro!

E Antônio saiu corredores afora da estamperia rumo a seu escritório, de onde só saiu para ir embora.

À noite, já em casa e após um refrescante banho, refestelado no sofá sob os afagos de Lenir, reclamou:

— Sociedade é uma coisa muito difícil.

— Que foi, Antônio?

— As pessoas enfrentam fases e destinos pessoais diferentes. Então se são sócios em qualquer negócio, os ânimos são vários e interferem no perfil psicológico da empresa.

— Qual o problema?

— O Nestor está com a mulher geniosa grávida. E o Falópio pê da vida com o ex-padrastro.

— Ex-padrastro?

— Sim. Marisa e Damião estão separados há algum tempo. E por falar nisso, fomos convidados, ou melhor, convocados, para a festa de descasamento, que se realizará no sábado, no Capão das Borboletas.

— A que horas?

— A festa irá rolar por todo o dia, Lenir.

Foi gente que não acabava mais no tal descasamento. Era como se Marisa quisesse dizer aos quatro ventos: gente, estou livre! E, pela felicidade por ela estampada no rosto, tinha-se a certeza de que a mulher se havia livrado de um peso morto (mas caro) em sua vida.

— Que bom vocês terem vindo – foi dizendo Marisa, ao se aproximar de Antônio, Lenir e Pérola.

— Não há de quê. Estamos aqui de corpo presente para presenciar a lavratura de sua carta de alforria – afirmou Pérola.

Pérola assistiu tão de perto à desilusão da amiga com o estranho segundo marido; tão arredio que a grande maioria das pessoas que

compareceram à festa de descasamento nem sabia que seu nome era Damião.

— Antônio, sei que não é a hora apropriada, mas já que estamos aqui, que tal você recomprar as terras que foram de sua família e da qual você nunca se afastou, tanto pelo Henrique quanto pelo borboletário.

— É o que você sempre quis e me prometeu – interveio Henrique, que próximo estava, com os olhos brilhando como se fosse um menino de oito anos e não um caboclo de oitenta anos.

— Vamos ver se tenho dinheiro disponível para isso.

— Pode ser afirmativo com a Marisa, meu filho. Se lhe faltarem recursos eu inteirarei, como uma espécie de sócia, sem que você precise restituir-me o dinheiro.

— Assim não, mãe!

— É assim mesmo, afinal estaremos retomando posse de nossa história.

Marisa, Antônio e Pérola pediram licença por alguns minutos aos amigos e foram tratar de negócios em um dos quartos da antiga casa. Presente, Falópio acompanhava as tratativas em silêncio e, quando a negociação foi fechada, se retirou não só da sala, mas da festa.

— Que deu nele, Marisa?

— Falópio está assim, extremamente revoltado com a vida. Tudo e todos servem de pára-raios à sua insatisfação generalizada.

Nem bem deixaram o quarto, e lá estava Henrique em explícita curiosidade matuta.

— E aí, patrãozinho, fechou o negócio, bateu o martelo?

— Está fechado.

— Que maravilha! – desmanchou-se em contentamento o bom e zeloso Henrique. Agora você pode levar mais firmemente o projeto de ampliação do borboletário.

— Poderei sim, Henrique. Como você sabe, todo o trabalho de criação da estampania tem motivação nas cores das borboletas; assim, pretendo trazer todo o pessoal da área de designer...

— Que é isso, Antônio?

— É o pessoal que desenha.

— Ah, bem – exclamou Henrique.

— Vou contratar mão-de-obra nas imediações, pois aqui há carência de oferta de empregados.

— Que fará essa gente daqui sem especialização alguma, patrãozinho?

— É que planejo organizar todo um sistema de criação e proteção das borboletas. Quero gente acompanhando a postura dos ovos, as larvas, as crisálidas e a trajetória de vida das borboletas...

— Isso não é difícil, patrãozinho, as borboletas vivem tão pouco.

— Pois é, e conseguem cumprir integralmente a missão por que nasceram, ao passo que os homens quanto mais vivem mais vida reivindicam para realizar de forma efetiva seus propósitos.

— Tomara que o patrãozinho consiga, então, ser uma borboleta.

— Como assim?

— Este velho aqui já passou dos oitenta e não tem como esperar tempo a fio para ver esse Capão realmente coberto de flores e borboletas por todos os cantos.

— Vou apressar os projetos, mas não é porque meu amigo Henrique está prestes a partir, pois creio que você ficará ainda muitos anos conosco. Porém, pretendo colocar tudo engatilhado bem rápido, pois vejo muito futuro na ampliação do borboletário, principalmente por viabilizar nossa entrada na lucrativa atividade de exportação de crisálidas.

— O quê? Já compram aqueles casulinhos?

— Sim, Henrique. Há muitos países interessados em repovoar suas áreas verdes e florestais com borboletas.

— Eta mundão de meu Deus!

Os dias que se seguiram foram de mãos à obra para Antônio na estamperia e para Lenir na fábrica de doces da sogra Pérola, que, sentindo os efeitos da revolução implantada pela nora, já ficava mais no Capão das Borboletas do que em Belo Horizonte. Devagarzinho, ela ia tornando-se uma especialista em borboletas e na escolha de plantas e árvores mais germinadoras de flores ao gosto das pequenas aladas. Essa função, exercida espontaneamente pela mãe, passou a ser essen-

cial para Antônio, que se desdobrava para suprir a ausência de seus dois sócios – Falópio e Nestor – em dificuldades na vida particular.

— Nestor, o que aconteceu? Disserem-me que você veio de aldeia indígena do Mato Grosso, mas Cris ficou por lá. Que loucura é essa?

— Baixou um santo na minha mulher. O negócio dela é andar nua pela tribo afora; faça chuva, faça sol, lá está ela na base do vento a favor.

— Mas e a gravidez?

— Pois é, e ainda tem mais essa encrenca. Ela cismou que fará o parto na aldeia mesmo, com as parteiras e a pajelança do pajé...

— Que drama desesperador, amigo Nestor.

— Bem que você, numa premonição, tentou alertar-me, mas eu fiz ouvidos moucos.

— Você não tem culpa, a paixão nos cega mesmo. A gente costuma não ver nem se incomodar com os defeitos mais medonhos expostos pela pessoa amada. E agora?

— Tomei a liberdade de mandar o advogado de nossa empresa para tentar arrancá-la de lá por via judicial.

— Boa iniciativa. O Guilherme é competente e astuto.

— Você me desculpa, mas não tenho cabeça para trabalhar. Sei do peso que você está carregando, pois, além de mim, ainda tem o Falópio...

— Então você já observou o desempenho letárgico do Falópio?

— Sim. E por detrás de seu corpo mole e de seu silêncio sepulcral tem muito mais coisa do que você possa imaginar.

— Como assim?

— Já que no caso da Cris você me alertou, eu agora lhe retribuo afirmando para você ter muito cuidado, pois pelo que pude perceber, ele anda curtindo há tempos um ódio mortal por você.

— Mas por quê? Que fiz eu para merecer ser alvo de sentimento tão destrutivo?

— Primeiro, por seu sucesso na vida afetiva e profissional. E, agora, mais recentemente, pelo fato de você ter adquirido de volta a fazenda Capão das Borboletas...

— É, quanto a essa parte, eu me lembro que no dia em que fechei a negociação com Marisa, mãe dele, ele até se mandou da festa.

— Pois é, amigo, tome cuidado!

— Obrigado pelo alerta. Mas e o Guilherme, já está no Mato Grosso?

— Sim e, certamente, gastando saliva vã com a tresloucada da Cris, que tem a mesma capacidade de dissimulação do nosso sócio Falópio.

— Destarte todos os problemas, vamos ter fé. Pode manter-se ligado na solução desse imbróglio da Cris que eu continuarei tocando o barco.

— Não sei como lhe agradecer. Contudo, o jeito é esse mesmo.

Nem bem Nestor deixou a sua sala, Antônio passou a tranca na porta, a fim de, mais reservadamente, aproveitar o fim de expediente e ligar para o advogado Guilherme Bicudo com o objetivo de tomar pé da verdadeira situação.

— Alô, Guilherme, como está o drama?

— Põe drama nisso, Antônio. O problema está ganhando contornos difícilísimos.

— Como assim?

— Ao tomar conhecimento de que eu estava tratando do caso, ela simplesmente me disse que alegraria que o filho que espera não é do Nestor e sim do cacique.

— Do cacique? — esconjurou, perplexo, Antônio.

— E o pior é que o indígena está coligado com ela e topa fazer o jogo de cena.

— Mas a troco de quê?

— É triste de afirmar, todavia verdade é para ser constatada e dita...

— Que verdade, Guilherme? Vamos, desembuche!

— A realidade é que a Cris aceitou, de livre e espontânea vontade, o papel de quinta mulher do cacique.

— Santa mãe de Deus, coitado do Nestor...

— Coitado mesmo. A Cris preferiu ser a quinta mulher do cacique, que a primeira e única esposa do Nestor.

— O que fazer, caro Guilherme?

— Vamos dar tempo ao tempo e, nesse ínterim, buscar o apoio, a compreensão ou até a piedade de autoridade competente.

— Pobre Nestor, como diria meu pai Pedro, ele, involuntariamente, ao se casar com Cris, comprou bilhete para as terras do Acaba Mundo e não do Mágico de Oz.

— Asseverou bem o seu pai nesse pensamento, Antônio. Uma das primeiras providências que tomei junto à Justiça de Corumbá foi alegar que ela está em situação de demência. Mas isso é processo lento e não demora ela entrar em trabalho de parto. Já pensou se esse menino nasce dentro da aldeia indígena, uma reserva, e o amaldiçoado cacique se apresenta como pai? O Nestor estará irremediavelmente perdido: sem a mulher e sem o filho, que poderá sumir para sempre ao longo das margens do Araguaia, dos pantanais e alagados da região – profetizou o advogado Guilherme.

— Lamentável, mas irônico, pois se isso acontecer, para o resto da vida de Nestor “todo dia será dia de índio” – finalizou Antônio, sem que nenhum dos dois risse da piada.

No silêncio de seu escritório, assistindo da janela ao pôr-do-sol, cor-de-barro, entijolando os alicerces da noite, Antônio se entregou aos pensamentos, fortemente mergulhado no mar revolto em que se debatia a amiga Cris: Puxa, sempre defendi a substituição da auto-estima pelo otimismo da autoconfiança, que é um movimento de dentro para fora; é o nosso parto em direção ao mundo. Se o habitat das borboletas se resume em seu próprio vôo, a realidade é que somos acima de tudo espaço e, por isso, só nos realizamos se abraçados por inteiro... O desabraço e o desamor são como vendavais para nós que, desnorteados, nos transformamos em pluma sem norte nem direção, capazes de vislumbrar, embriagados pelo veneno da auto-estima, vida na morte, que só não é temida pelos suicidas por sua falta de compromisso para com os outros. Em suma ninguém deve viver egoisticamente por si mesmo. As borboletas, por exemplo, sugam todo o néctar possível de sua vida breve, pois instintivamente, como se acreditassem na reencarnação, sabem que sua eternidade reside na perpetuidade da espécie: estar nas borboletas que virão é a sua garantia de vida eterna, sob a certeza de que, SEM FUTURO, MAIS À FRENTE, O PRESENTE NÃO EXISTIRÁ...

CAPÍTULO IX

LEVE PRESENÇA

Somos mais um bicho na natureza
Irmãos de libélulas e borboletas
Em vez de tristeza pela perda de células
Ou pelo passar do tempo corrosivo
Festejemos a dádiva de estar vivos
Que assim seja, jamais amém
Risos, abraços e cerveja também
Pois nos convém na caminhada
Gerar no coração ninhadas de amigos
Porque depois da onda da vida
É a sonda da amizade construída
Que nos garantirá alguma eternidade
Através de plumas da lembrança
Uma leve presença no mar da existência

Carlos Lúcio Gontijo



Ninguém jamais saberia por que Cristiane endoideceu. Psicóloga bem conceituada, jamais se poderia imaginar que as sombras da insanidade fossem invadir e apagar as luzes de sua lucidez mental. Em condição ruim estava o coração de Nestor ao assistir a mulher que tanto amava se tornar fonte de dor tanto insuportável quanto inexplicável. Em sua solidão, Nestor especulava sobre o repouso das estrelas de seu universo como ser humano. Onde elas foram dormir, em que céus morariam agora as luzes que iluminavam o seu caminho. Que fizera ele para merecer destino tão inexoravelmente desprovido de claridade?

— Guilherme, alguma saída para o túnel escuro escavado pela mente doente de Cristiane? — indagou Antônio em mais um telefonema.

— A ponta da meada só poderá ser puxada com o nascimento da criança.

— Como assim, Guilherme?

— É que daí poderemos pedir um DNA à Justiça, desmascarando a Cristiane que diz que o filho é do cacique.

— Então, como você já disse, só nos resta esperar. Outra coisa, o Nestor já chegou por aí?

— Sim, ele chegou ontem. Mas, Antônio, você nem imagina como ele está. Tive até que levá-lo a médico a fim de que lhe fossem receitados alguns tranquilizantes.

— Fez bem. Só assim mesmo ele poderá suportar esse infortúnio — enfatizou Antônio.

— Tem mais uma informação para você. Descobri que o juiz que analisará o pedido de DNA chama-se Adriano Maboub.

— E daí, Guilherme?

— Você se esqueceu de que sua mulher leva o mesmo sobrenome. Quem sabe existe algum tipo de parentesco e ela pode nos ajudar na empreitada judicial?

No tempo certo, e ao modo de todos nós, dá-se o aprendizado da vida.

— Vou falar com ela. Mas Lenir terá dificuldade de entender que aqui, além de a causa ser justa a lei ainda solicita tráfico de influência para ser cumprida.

À noite, com visível constrangimento, Antônio foi falar sobre o assunto com a esposa.

— Lenir, você está sabendo da história estapafúrdia que a Cristiane está escrevendo...

— Eu sei. Enredo mais inconcebível não existe.

— Pois é, amor. O Guilherme me pediu para lhe perguntar se você tem conhecimento da existência de um juiz de Direito com o nome de Adriano Maboub, residente em Corumbá.

— Por quê?

— É que, se por acaso ele for seu parente, talvez você possa interferir de alguma forma no pedido de DNA para o momento em que a criança nascer.

— Estranho país esse Brasil, onde para tudo tem que haver um jeitinho extra-oficial a fim de que as coisas andem. Porém, querido Antônio, não se acanhe não, eu já entendo esta prática. Quantas vezes tenho que exercitá-la para que empenhos do escritório encontrem a solução devida. Vou fazer o seguinte: telefonarei agora para o meu pai, pois ele é que é expert em laços da família Maboub.

— Alô pai! É sua filha Lenir.

Após a festa de cumprimentos comuns a pais e filhos distantes, recheados de banais, mas calorosos detalhes do cotidiano, ensinando-nos que grandes mesmo na vida são as pequenas coisas, Lenir entrou no assunto.

— Espere um pouco. Fique conversando com a sua mãe Jandira, enquanto eu dou uma olhada na papelada.

Não demorou muito e Maboub voltava.

— Sim, filha, o Adriano Maboub é parente distante. Porém, como você sabe, para nós libaneses, próximo ou distante, parente é parente.

Ao final, informado sobre o esdrúxulo problema, Maboub não se fez de rogado e, condoído, se ofereceu para telefonar ao juiz, dando início aos contatos.

— Está bem, meu pai. Muito agradecidos ficarão todos os amigos do Nestor. Vou passar o seu telefone para o advogado Guilherme Bícudo que, por sua vez, lhe passará o telefone do tal juiz.

E, como era esperado, o parentesco veio a calhar como luvas para as tratativas judiciais, que a partir da conversa entre os “Maboubs” ganharam o azeitamento necessário ao funcionamento da máquina judiciária. Agora, era só ter paciência e esperar pela oportunidade do desfecho.

— Antônio, preciso lhe falar. É urgente.

Era Henrique adentrando a sala da presidência, na Borboleta Estamparia, onde jamais colocou os pés. Por isso, ao vê-lo, Antônio se pôs de pé.

— O que o traz aqui?

— Olha, assim não dá, está ficando insuportável.

— De que se trata, homem?

— É o Falópio, que só aparece no departamento de criação no Capão das Borboletas por uma vez ou outra e, mesmo assim, só cuida de me aborrecer.

— O que ele fez?

— Está insistindo para que eu me afaste. Que deixe de exercer minhas funções no borboletário. E aquilo lá é minha vida. Se não é essa a sua orientação então, pelo amor de Deus, mande-o parar.

— Pode deixar, eu darei um basta nisso.

— Patrãozinho, enganam-se os que me vêem labutando no borboletário e acham que aquilo é serviço pesado para quem dobrou os oitenta. Mas garanto-lhe que não é e, se ainda fosse, saiba que à medida que o tempo passa e as estações se sucedem o fardo vai ficando mais leve, diminuindo de tamanho, porque minha alma aumentou a largura de meus ombros para suportá-lo. Dessa forma, esse fardo é tudo o que eu tenho e me basta. Ele não dilacera minhas carnes nem me dá cansaço;

eu sinto prazer em carregá-lo. O fardo é meu, caro Antônio, filho do coração. Se me tirarem a leveza desse peso sobre o meu ombro, eu me sentiria inútil e frustrado. Portanto, não me aposentem de meu ofício nem tenham pena de mim, pois, do cerne de minha alma, dou graças a Deus todos os dias, diante do vôo colorido e leve das borboletas de que cuido, pelo fardo que carrego em meu ombro, que a providência divina, em louvor ao meu esforço, premiou com uma protetora almofada de calos.

A fala-discurso de Henrique levou lágrimas aos olhos de Antônio, que abraçou comovido o amigo.

Nem bem Henrique deixou a sua sala e Antônio já dava ordem à secretária para localizar imediatamente o sócio Falópio. Como ele não atendia nem ao celular nem ao telefone fixo de sua casa, Antônio pôs um chofer da empresa atrás dele, que o encontrou jogando sinuca num bar da cidade. Recado dado, não demorou que ele comparecesse à sala de Antônio.

— Olha, o Henrique que você anda incomodando não é um simples funcionário. Ele é como se fosse membro de minha família. Ao desrespeitá-lo, é a mim que você desrespeita e, para encurtar a conversa: eu não quero que isso se repita nunca mais.

Falópio ouviu tudo calado e silente se foi. Não moveu um músculo da face. Chegou com o semblante crispado e com o semblante crispado se afastou...

No outro dia, à tarde, Antônio deu uma passada no Capão das Borboletas.

— E aí, Henrique, como foi o seu dia?

— Tudo bem. Hoje, coincidentemente, o Falópio passou aqui pela manhã, numa cantoria incompreensível para mim, mas a turma do designer disse que ele cantava ópera...

— Virgem Santa, se não bastasse a Cristiane, temos mais um louco na praça – entrecortou Antônio.

— Pois é. Tome cuidado: assim como a cascavel balança o chocalho antes do bote, homens peçonhentos costumam cantar ou demonstrar descontração antes de atacar – alertou Henrique.

— Agradeço sua preocupação. E acho que você tem razão, pois há pessoas que sentem prazer em cometer maldades com o próximo.

Mudaram de assunto e ficaram horas a fio proseando sob o cheiro de flores e em meio ao vôo de bandos e mais bandos de borboletas.

As semanas que se seguiram foram de muito trabalho e expectativa. Antônio passou a sair mais tarde da Borboletas Estamparia, cobrindo a ausência de Nestor e a inadimplência administrativa de Falópio, que um dia apareceu de tardizinha todo solícito e procurando se desculpar por seu comportamento.

— Estou me recuperando de tristezas. Amanhã mesmo eu vou voltar ao normal. Sei do peso morto em que me transformei na empresa.

— Já que você caiu na real, eu só tenho a parabenizá-lo pela autocrítica. Antes tarde do que nunca, caro Falópio. Você é afilhado de minha mãe e meu amigo de infância, mas sua atitude estava prestes a contaminar toda a nossa convivência.

— Vamos ao refeitório comemorar, de certa forma, o meu retorno.

— Já é tarde, Falópio. A essa hora os funcionários do bufê e cozinha já foram embora.

— Pode deixar, eu preparo o drink e o tira-gosto. Não tem problema, Antônio.

E puseram-se lentamente a percorrer o longo caminho até o refeitório...

— Por que você não me procurou para me chamar a atenção, repreendendo-me sobre o meu comportamento?

— Olha Falópio, mexendo com borboletas todos esses anos, aliás elas são a razão do sucesso de nossa estamparia...

— E eu não sei disso! — interrompeu Falópio.

— Como eu ia dizendo, aprendi com as borboletas que tudo tem o seu tempo. Quando eu era criança descobri um casulo na casca de uma árvore, no exato momento em que a borboleta rompia o invólucro e se preparava para cumprir o último ato de seu nascimento. Apressado para assistir ao milagre da natureza, corri à cozinha onde minha mãe preparava o almoço e coloquei o casulo ao pé do fogão a lenha. Então o calor abreviou todo o processo: o que se daria lenta e normalmente, sob a cálida luz solar, se transformou em transgressora irrupção e a borboleta foi levada a se nos apresentar, antes do tempo, com as asas

totalmente amarrotadas. Peguei-a com cuidado e corri com ela para a claridade do sol, mas ela apenas se agitou desesperada por alguns segundos e morreu. Apreendi ali, criança ainda, que tudo tem o seu tempo próprio e que não há nada mais errôneo do que ousar modificar o ritmo das coisas. Cada um de nós tem o seu jeito de caminhar. No tempo certo, e ao modo de todos nós, dá-se o aprendizado da vida. A natureza não queima etapas.

Falópio o ouvia em silêncio...

— Assente-se amigo Antônio. Faça-lhe às vezes de criado e não demora o drink estará em sua mão.

Antônio, entregue ao cansaço de mais um dia de muito trabalho, e vendo que caía uma chuva forte de verão, aquiesceu. Absorto ficou à espera do tal drink vendo o temporal consumir a paisagem por detrás da vidraça à sua frente.

— Aqui está o seu drink no ponto em que sei que você gosta.

— Mas cadê o seu?

— Já mandei pra dentro enquanto preparava o seu. Aliás tomei dois. Entretanto, o celular tocou, com a minha vizinha avisando-me que as janelas de minha casa estão abertas e tudo está molhando.

— É, se as janelas estão abertas, esse temporal é capaz de inundar sua casa. Mas estranho, eu não escutei o celular tocar.

— Claro, com esse barulho de chuva no telhado!

E foi afastando-se lentamente, cantarolando uma canção. Antônio lembrou-se do comentário feito pelo Henrique: as cascavéis balançam o chocalho antes do bote e os homens peçonhentos cantam em contentamento antes de cometer o mal perpetrado...

Pegou o copo e pôs-se a cheirá-lo e, para sua surpresa, decepção e espanto, detectou substância química mortal usada na estamperia e que jamais seria percebida por pessoa desavisada e sem o conhecimento químico de que era detentor. A contrariedade foi tão forte que deu origem ao temido surto de catalepsia patológica, com o conseqüente desfalecimento.

O temporal iniciado no decorrer da tarde não passava. A cidade, já no cair da noite, entrou em estado de calamidade. Apreensiva, Lenir esperava pelo marido que não chegava nem atendia às chamadas do

celular. As horas avançavam e desesperada ela ligou para a sogra, cujo chofer a levou imediatamente até a Borboletas Estamparia, enfrentando o perigo das enxurradas e das águas de um córrego que se havia transformado em caudaloso rio, tomando grande trecho da estrada. A sorte foi a caminhonete cabine dupla suportar o tranco.

— Meu Deus, o que aconteceu? Acorde, meu filho, acorde – gritava Pérola, diante do motorista que também ficou em estado de choque.

O corpo estava de braços sobre a ponta da imensa mesa de madeira maciça, na qual a bebida derramada já se havia entranhado.

— O que aconteceu, dona Pérola?

— Meu filho é cataléptico.

— Que é isso?

— É uma doença em que a pessoa parece que está morta, mas não está.

— Então ele pode sair dessa?

— Pode, mas no caso dele é grave, pois ele sofre de catalepsia patológica.

— O que faremos, dona Pérola?

— Vamos nós mesmos colocá-lo na caminhonete e levá-lo ao hospital. A ambulância velha de que eles dispõem não chegará aqui.

E para lá foram. No caminho, Pérola ligou para a nora Lenir. Como não dava para encaminhar o assunto à moda de seu marido subiu no telhado..., pois urgia o tempo, ela foi logo abrindo o verbo.

— Querida Lenir, sabe o surto cataléptico que sempre temíamos, pode ter acontecido agora.

— Por que a senhora diz pode?

— É que não podemos desprezar a hipótese de que nosso amado Antônio tenha realmente morrido.

— Estou indo para o hospital, Pérola...

— Cuidado ao dirigir. Está tudo inundado. É água que não acaba mais... Não chore, Lenir, calma e fé, minha querida...

— É que, se o pior aconteceu, o Antônio terá partido sem saber que eu estou grávida há dois meses...

— Filha, que surpresa. Por que você não lhe disse?

— Não lhe disse porque o observava arrebatado por preocupação na empresa e, também, com o problema enfrentado pelo Nestor...

Nisso a ligação caiu sob o clarão de um raio iluminando a escuridão da noite.

Ao chegar ao hospital, as condições precárias e comuns às casas de saúde de quase todas as pequenas cidades deixaram Pérola bastante preocupada. Como desgraça pouco é bobagem, o efeito destrutivo do temporal já era sentido no modesto hospital, com os corredores cheios de cidadãos atingidos por desabamentos e os mais variados tipos de acidente. A visão que se tinha era de que Pingo de Esperança naufragava sob a força das águas. Antônio, apesar do prestígio na comunidade, era só mais um estirado numa maca. Com muito custo, ele foi levado para a sala de emergência. Ali, o único médico, sob a pressão de tanta gente para ser assistida por ele, foi logo decretando:

— Antônio, infelizmente, está morto. Não sinto pulsação alguma. O homem nem respira.

— Mas doutor, a dona Pérola avisou que ele é portador de catalepsia rara... — ponderou a enfermeira, em voz suplicante.

— Pode até ser, mas o fato é que ele está morto. E se vivo estiver, ele tem a chance de acordar em meio ao velório.

Pérola recebeu a notícia com resignação. Tinha que ser forte para assim poder consolar a nora, que apavorada chegava ao hospital. Abraçadas, choraram por muito tempo.

Nestor e o advogado Guilherme deixaram suas preocupações no Mato Grosso a fim de prestar as últimas homenagens ao amigo. Pegaram um avião até Belo Horizonte e completaram o restante em carro veloz...

— Não chore, Henrique — pedia Pérola.

— Como não chorar. É como se eu estivesse perdendo um filho.

— Podíamos até aguardar mais que 36 horas para o sepultamento. Contudo, assim que a notícia esparramou pela cidade e vizinhança, perdemos o controle.

— Como assim, Pérola? – indagou Lenir banhada em pranto.

— O velório, toda essa espera, a chuva. Há uma pressão tácita pelo enterro. Não há como segurar.

— Você seguiu as instruções do Antônio com relação ao sepultamento? – interveio Henrique.

— Claro, Henrique! Até um celular reserva mandei colocar em seu túmulo. Está tudo em conformidade com o que ele pediu – garantiu Pérola.

— Está tudo difícil, minha sogra. Se a gente filmasse isso aqui, desde o atendimento no hospital e levasse a fita para exibição na Suécia, a platéia pensaria tratar-se de uma película de ficção experimental. A curiosidade em torno do túmulo-sarcófago é exagerada. Tem gente estranha querendo descer as escadarias que dão ao subsolo a toda hora. Se não fossem os seguranças que contratamos, todo o engenho imaginado pelo Antônio já teria sido destruído ou roubado, como é o caso dos celulares...

— Isso é Brasil, prezada Lenir – lembrou Guilherme Bicudo.

E assim, sob amargura e intensa consternação, Antônio foi sepultado. E até a última hora, Pérola, Lenir e Henrique insistiam em tomar a pulsação do corpo que jazia inerte e frígido.

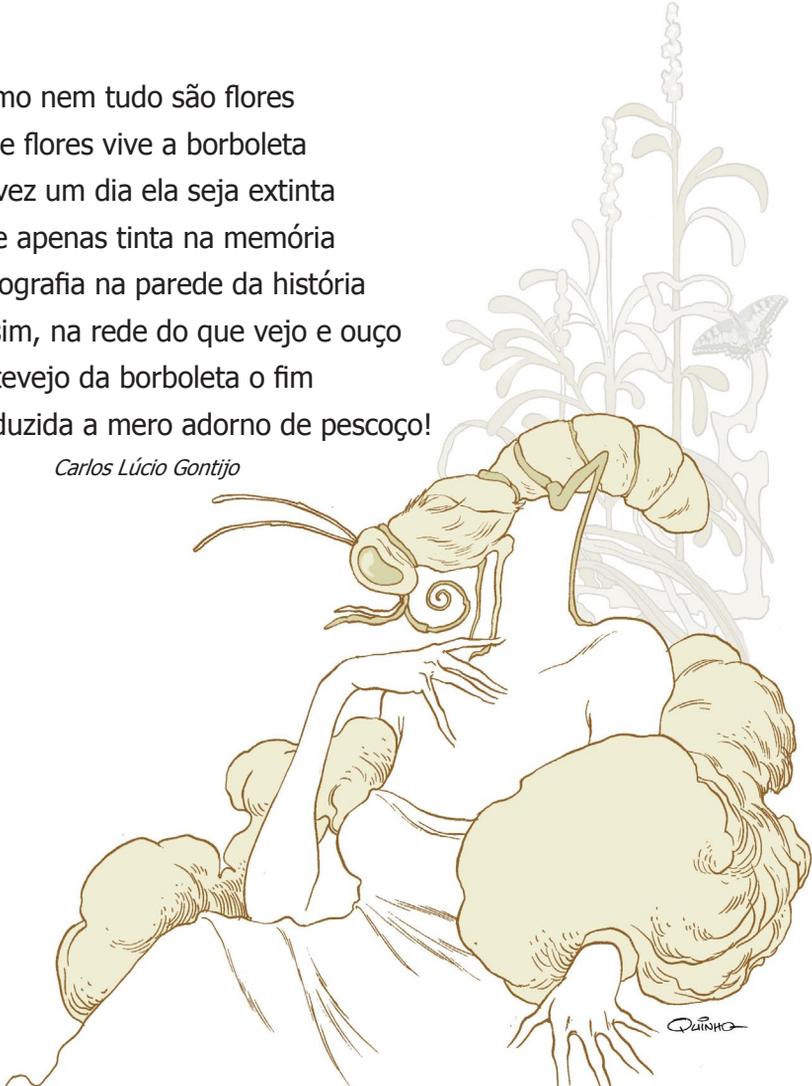
A chuva que a tudo lavava e levava não conseguia mover as incertezas, dúvidas e indagações que povoavam a mente de amigos e familiares de Antônio: “Ele morreu ou não morreu?” Se não morreu, conseguirá o Antônio redivivo ter forças emocionais e psicológicas para acordar dentro de seu sarcófago e não sofrer novo e terminal surto cataléptico, indo ao encontro da morte definitiva?

CAPÍTULO X

ADORNO

Como nem tudo são flores
E de flores vive a borboleta
Talvez um dia ela seja extinta
Vire apenas tinta na memória
Fotografia na parede da história
Assim, na rede do que vejo e ouço
Antevejo da borboleta o fim
Reduzida a mero adorno de pescoço!

Carlos Lúcio Gontijo



— Pérola, nunca me senti tão triste e só.

— Era Lenir à sogra, no refeitório da Borboletas Estamparia, que se transformou em simulacro de sala de espera, uma espera que ninguém sabia exatamente de quê.

— Oi, querida Pérola. Seu afilhado não foi ao enterro, mas hoje está aqui junto aos amigos da família. Você nem imagina a tristeza e o pesar em que ele está.

— Dá para imaginar, Marisa. Afinal, eles se conhecem desde a infância.

— Como eu ia lhe falando, Pérola (Lenir voltou ao assunto), estou me sentindo profundamente só, nem a companhia apaziguadora e mansa das lembranças alegres nem a recordação de tristezas menores, arde em mim somente o fogaréu de um vazio maior, que jamais havia sentido antes.

— Foi a certeza de que dores assim sempre nos chegam, que optei por entregar a empresa aos funcionários e ficar mais ao lado da família. Nessas horas, Lenir, o que nos segura é a certeza da doação da amizade, do amor em vida.

— Isso é verdade, Pérola. Por isso, não devemos ser escravos das horas em detrimento dos momentos, dos minutos, dos segundos de felicidade e contentamento.

— Ironicamente, vivemos correndo atrás de dinheiro e de liquidações em bazares baratos como se a existência humana se resumisse no ralar de umbigo nos balcões de compra e venda... Conforte-se, minha

nora. Afinal você e o Antônio formaram um casal diferenciado. Vocês se amaram da maneira mais intensa, foram corpo e alma, abelhas encharcadas no mel do amor.

Ninguém precisa crer no Criador, porque ele creê em cada um de nós.

— É a ausência de remorso que dá ânimo e confiança de que essa solidão me envolve por todos os lados, diagonal e horizontalmente, em profundidade ingente e em todas as discutidas dimensões da natureza humana. Os sonhos fugiram nas asas do mistério da morte.

— Isso passa, Lenir. Dê tempo ao tempo e a larva triste da saudade se transformará em borboleta.

No refeitório, havia um pequeno palco e um microfone, pois ali, durante o almoço e café ocorriam apresentações e pequenas festas-surpresa para funcionários que aniversariavam ou qualquer outro fato que, repentinamente, um grupo de colegas achasse merecedor de alguma comemoração. Até mesmo anúncio de batizados e casamentos eram feitos no “palquinho” durante as refeições coletivas. Dessa forma, Guilherme Bicudo, que teria de deixar o local para, junto com Nestor, retornar ao distante Mato Grosso, a fim de continuar na vigília advocatória sobre a endoidecida Cristiane, pegou no microfone:

— Estamos aqui numa reunião de amigos do falecido Antônio em torno de seus familiares. Antônio me dizia que tinha em Henrique um segundo pai e que com ele e as borboletas descobriu que não precisamos clamar pelo Criador porque ele está em todos nós, inclusive nos ateus. Acreditava Antônio que não existia o Deus uno que a humanidade busca. Ou seja, para ele não havia um ser supremo à nossa disposição para nos salvar ou à nossa espera após a morte.

As pessoas escutavam de olhos arregalados e se entreolhavam sem manifestação de protesto, pelo simples motivo de ter respeito e temor da língua afiada do orador, que ia debulhando as contas de sua fala...

— Acreditava Antônio que a única forma de encontrar Deus é no todo. Isto é, Deus está em cada coisa, por menor ou mais insignificante que seja o objeto, a matéria ou o ser vivo, lá está Ele. E a razão disso, meus amigos, é que Deus se doou com tal sofreguidão e entrega que

foi se deixando nas coisas... Assim como não vislumbra a galáxia aquele que fixa o olhar numa única estrela; ou da mesma forma, não percebe a floresta quem se ocupa do corte de uma determinada árvore, feito o pescador que se “encanta mais com a rede de que com o mar”, não se aproxima do Senhor dos Tempos o ser humano que não consegue juntar as partículas de Deus que estão inseridas em tudo e em todos nós. Enfim, ninguém precisa crer no Criador, porque ele crê em cada um de nós. Na prática, são atitudes vãs tanto a aclamação fundamentalista do nome de Deus pelas religiões quanto o negativismo radical proclamado pelos ateus. É mais ou menos como afirmarmos que o oxigênio não existe enquanto enchamos os pulmões de ar. Indubitavelmente, há um céu por detrás de nossos sonhos...

Aplaudido, Guilherme desceu do palco. Sua fala acabou agradando a todos, inclusive os ateus, certamente satisfeitos com a idéia metafórica que lhes garantia que, independentemente de ideologia, Deus estaria em todos.

Citado nominalmente, o octogenário Henrique resolveu deixar sua humildade de lado e enfrentar o microfone, que Lenir cuidou de ajustar para ele.

— Estou aqui diante de vocês movido pelo ímpeto da amizade. Aprendi o que sei na escola da vida, com a natureza e através da convivência permanente com a família de Pedro e Pérola. Não sei se Deus existe, mas por outro lado a vida me ensinou que coincidências em demasia é sinal de que, por trás de tudo, alguém planeja o coincidir. Nos fins de tarde, quando não estou conversando com os amigos letrados, fico a ler algum livro sob o frescor e a beleza natural que o borboletário do Capão das Borboletas me proporciona como união divina. Controversas e fatos inexplicáveis estão derramados no transcorrer de toda a história da humanidade. Como explicar, por exemplo, que em tempos remotos o homem, segundo a Bíblia, tenha construído a Arca de Noé, que salvou espécimes de animais do grande dilúvio, e hoje, em tempos recentes, dispondo de toda uma avançada parafernália científico-tecnológica, nos deparemos com um majestoso Titanic que afundou em sua primeira viagem e a invenção da bomba atômica, que

se transformou em perigo iminente e constante para o futuro da raça humana na Terra? Eu lhes pergunto então: quem são os amadores e quem são os profissionais nessa história? São questões assim contraditórias que fizeram pessoas como eu e o amigo Antônio defender a tese de que os céus não estão reservados apenas aos que seguem uma religião ou alguma seita, mas também aos que têm religiosidade. É mais ou menos como as pessoas simples como eu costumam dizer em relação ao casamento: juntado com fé, casado é. Ou alguém aqui acredita que sem a bênção das igrejas as famílias (que bênçãos não receberam) não existem?

— Pérola, que sabedoria de nosso velhinho! — comemorou Marisa.

— Eu me regozijo ao vê-lo tão articulado. Isso demonstra claramente que o meio faz o homem — disse Pérola com orgulho.

— Cadê o Guilherme? Ele ainda está no interior da empresa?

— Não, Lenir. Ele já se mandou em direção a Belo Horizonte, de onde seguirá para Corumbá, no Mato Grosso.

— Ah, é mesmo, Marisa. É tanta coisa em minha cabeça que até me esqueci de que ele viajaria hoje.

— Que foi, Lenir? O que queria com o Guilherme? — interveio Pérola.

— É mais um problema criado pela ignorância. Os produtores da região entraram na Justiça contra a Borboletas Estamparia e o borboletário.

— Como assim? — exclamou, perplexa, a sogra Pérola.

— Eles alegam que as larvas fazem muito estrago nas plantações — explicou Lenir.

— Que coisa! Enquanto o borboletário exporta crisálidas para diversos países a fim de repovoar suas áreas verdes com borboletas e, assim, aumentar a polinização, assistimos a movimentos contra as borboletas em Pingo de Esperança.

— Deveríamos mudar o nome para Pingo de Desesperança — voiferou, embebido em ira, o caseiro que assistia à conversa.

Apoio a sua idéia, Henrique, desde que em vez de “Pingo” se coloque mar! – complementou Pérola.

— O que pode fazer o Guilherme junto à Justiça? – indagou Henrique, preocupado.

— Em primeiro lugar, talvez entremos com uma medida cautelar, um pedido de liminar, sei lá o quê. Porém, o Antônio já tinha ouvido o zunzum a respeito do movimento e tomou algumas iniciativas. E, pelo jeito, detetives de confiança por ele contratados descobriram que os contra-borboletas são comandados por apaniguados do prefeito manda-chuva – revelou Lenir.

— Para mim não é novidade, pois logo no início da ampliação do borboletário o prefeito Tolentino demonstrou idiossincricia gratuita em relação às borboletas – manifestou Henrique.

— Mas deixa ele. Pelas conversas do Antônio, que nem gostava de falar no assunto, os tais detetives lhe haviam passado informações comprometedoras da administração municipal. Como o Antônio sempre anotou tudo, eu descobrirei de que se trata. E, além do mais, poderei recorrer aos próprios detetives – conjeturou Lenir.

A questão do movimento de agricultores e fazendeiros da região contra as borboletas serviu para aliviar o clima fúnebre em que todos os presentes se achavam enfurnados. Unanimemente, ninguém queria que, no futuro, as borboletas só fossem lembradas como gravatas em pescoço de garçons.

Guilherme já ia longe na estrada, quando o seu celular tocou.

— Quem é?

— É o Antônio.

— Não brinque comigo, os celulares estão bem avançados, mas ainda não falam com os mortos.

— Sou eu mesmo, após um grave surto de catalepsia patológica.

— Então é você, mesmo.

— Que é isso, meu Deus? – atropelou a conversa Nestor, que ouvia o assunto ao lado de Guilherme.

— É isso mesmo que você entendeu. O Antônio se levantou das trevas. Voltando ao celular:

— Desculpe-me o espanto. Agora compreendo os temores e a incredulidade de grande parte dos pingo-esperancenses. Todos nós temos dificuldade de relacionar ou absorver o que não conhecemos ou qualquer coisa sobre a qual temos pouca informação.

— Tudo bem, mas onde você está?

— Estou a caminho de Belo Horizonte.

— Por favor, retorne. Enquanto isso, eu tomo banho e troco de roupas. E quando você chegar à porta do cemitério, dê três buzinas seguidas, que eu irei ao seu encontro.

— Será que você não provocará um rebuliço entre os funcionários e as pessoas que estiverem presentes no cemitério? — indagou Guilherme.

— Não. Estarei de peruca e óculos escuros. Seguramente ninguém me reconhecerá.

— Você sabe onde minha família está reunida?

— No refeitório da Borboletas Estamparia — respondeu Guilherme.

— Por acaso você viu o Falópio por lá?

— Eu não — disse Guilherme.

— Ele estava lá sim — afirmou Nestor em voz alta.

— Bom, é isso que eu quero. Até breve, meus amigos. E, por favor, não revelem nada para ninguém.

Guilherme e Nestor tomaram novamente a direção de Pingo de Esperança. Ambos pensativos perante fato tão insólito quanto difícil de explicar dentro da lógica com que nossa estrutura mental é formada. Nesses casos o silêncio ganha o status de sábio diálogo filosófico.

Não demorou muito e lá estava Antônio adentrando o refeitório secundado por Guilherme e Nestor. Todos foram abrindo espaço e acompanhando o desconhecido se aproximar precisamente da ponta da mesa onde tombara o recém-falecido...

— Minha gente, preste atenção, vamos iniciar o monólogo Vozes do Além.

Ia dizendo Antônio enquanto retirava a peruca, os óculos escuros, o bigode... O refeitório quase veio abaixo, muitos dos presentes desmaiaram, outros correram atônitos como se tivessem visto alguma

alma penada de outro mundo. Imperturbável, Antônio retirou um enorme facão que trazia escondido na cintura, brandindo-o no ar e fincando-o bem sobre a mancha provocada pela bebida derramada sobre a mesa.

— Aqui está, meus amigos, a prova de uma reles tentativa de homicídio, agravada pelo fato de o seu autor ser supostamente amigo e, agora sei, um sócio dissimulado e perverso, que para completar o quadro de atrocidades subumanas teve como madrinha de batismo a minha mãe Pérola. (Nesse instante todos já voltavam seus olhos na direção de Falópio). Não espero dele reação alguma, pois os pérfidos são covardes e só atacam pelas costas ou se protegidos pela escuridão, com a qual se dão bem, como se fossem primos-irmãos.

— Você não tem prova do que fala. Será minha palavra contra a sua – bradou Falópio, tentando quebrar o ímpeto da fala de Antônio, que continuou.

— Engana-se novamente, facínora – enfatizou, arrancando com o facão uma enorme lasca, precisamente sobre o local da marca feita na madeira pela bebida que iria tomar e que lhe fora servida por Falópio.

— Esta lasca de madeira é meu trunfo, caros amigos, pois nela está a confirmação da substância química. A análise de laboratório comprovará o que digo.

Nesse instante, Falópio saiu às carreiras, ciente de que seu plano assassino seria realmente comprovado.

Antônio, mesmo com a retirada estratégica, ou melhor, a fuga de Falópio, continuou inabalável:

— Falópio é fruto das metamorfoses que, nos últimos tempos, afetaram a convivência social entre as pessoas, em todos os campos e atividades desenvolvidas pelos seres humanos. Até as empresas, ao mesmo tempo em que impulsionaram o avanço técnico-científico, fizeram desmoronar os laços que atavam o trabalho estável, através da flexibilização, desconstrução e desregulamentação dos direitos sociais, jogando a classe trabalhadora na mais absoluta insegurança. A sociedade mundial foi assaltada por um culto exacerbado ao individualismo possessivo, que de forma alguma nada tem a ver com o autêntico exercício salutar da individualidade e sociabilidade. A erosão dos laços

comunitários e coletivos, as mutações profundas, no tempo, no espaço, na economia e no trabalho, são os fatores responsáveis pelo atual salve-se quem puder, a pregação de auto-estima baseada no querer é poder, suplantou a lição indispensável de que é preciso, antes, trabalhar e ter mérito. Sem obediência a tais preceitos criamos, socialmente, nicho perfeito para a eclosão de ovos de serpentes como Falópio.

A família o abraçou calorosamente, o rio de angústias inauditas que viveu de forma tão copiosa finalmente desaguava no mar de bonança e alegrias sem fim. Como que exaustos e extenuados, Lenir, Pérola, Antônio e Henrique saíram apoiados um no braço do outro, sob o olhar de admiração de todos.

Nos braços e gozos do amor de Lenir, Antônio dobrou a última etapa de sua evolução vivificatória. No dia seguinte, fez questão absoluta de comparecer ao trabalho normalmente.

— Quem um dia morreu tem que viver dobrado para provar que está vivo, Lenir.

— Pare de falar em morte, Antônio.

— Não estou falando em morte, aliás estou apenas dizendo que tenho de viver dobrado e sem ataques catalépticos consentidos em nome do futuro...

— Está bem, Antônio. Perdoe-me se entendi mal. Mas, convenhamos, isso é normal para quem experimentou momentos tão dramáticos, saindo inesperadamente do inferno para o céu.

No escritório Antônio se desdobrou. Como Guilherme Bicudo teve mesmo que ir para o Mato Grosso, ele convocou Narciso Bento, substituto imediato de Guilherme, para cuidar da tentativa de homicídio de que foi vítima. A prova máxima, a lasca de madeira com a substância venenosa entranhada já havia sido entregue à Justiça.

Outro assunto a ser tratado pelo departamento jurídico era a questão do movimento contra as borboletas, o qual Antônio acompanhava pessoalmente. Em sua gaveta estavam levantamentos oficiais indicando que após a ampliação do borboletário, a produtividade e as floradas das plantações subiram consideravelmente. E, além do mais, técnicos de empresas idôneas e independentes concluíram que, devido à

notável quantidade e variedade de flores e árvores frutíferas encontradas no Capão das Borboletas, somente 20% das borboletas saíam dali para outras plagas e, geralmente, levadas por casuais correntes de vento.

Completando a defesa, ou melhor, juntando informações sobre a administração municipal, detetives contratados por Antônio descobriram que o prefeito Tolentino havia “distinguido” um afilhado com emprego de professor numa escola de idiomas mantida pela Prefeitura.

— Olha o absurdo, Narciso Bento. O prefeito Tolentino, sem vaga disponível para alojar o afilhado, criou a cadeira de ensino de mandarim, dialeto oficial chinês, sob a certeza de que ninguém se interessaria em aprender tal língua por essas bandas.

— Mas o que fazer com essa informação?

— O que fazer, não; eu já fiz. Passei a informação regiamente documentada a um vereador de oposição que, para a minha sorte, é meu amigo há muito anos.

— E que providências ele tomou? — questionou o advogado Narciso Bento.

— Primeiro, ele cuidou de arrumar um jovem descendente de família chinesa que se apresentou interessado em aprender mandarim — explicou Antônio.

— Nossa, como a escola de idioma saiu dessa?

— Do jeito que esperávamos. Foi forçada a dispensar oficialmente o professor, que recebia sem ter alunos e o que é principal: sem falar mandarim ou qualquer outra língua que não seja o português.

— E daí?! — indagou Narciso Bento.

— Daí o prefeito enfrentará um pedido de abertura de investigação, que poderá redundar em perda de mandato. E bem-feito para ele, pois toda a questão em torno do tal movimento de apicultores contra as borboletas não passa de uma farsa, uma vez que não ultrapassa meia dúzia de pessoas ligadas ao prefeito Tolentino, segundo resultado de outra pesquisa feita por instituto isento sob nossa solicitação, cuja validade é incontestável, porque os entrevistados são nominalmente citados, contando inclusive com as respectivas assinaturas.

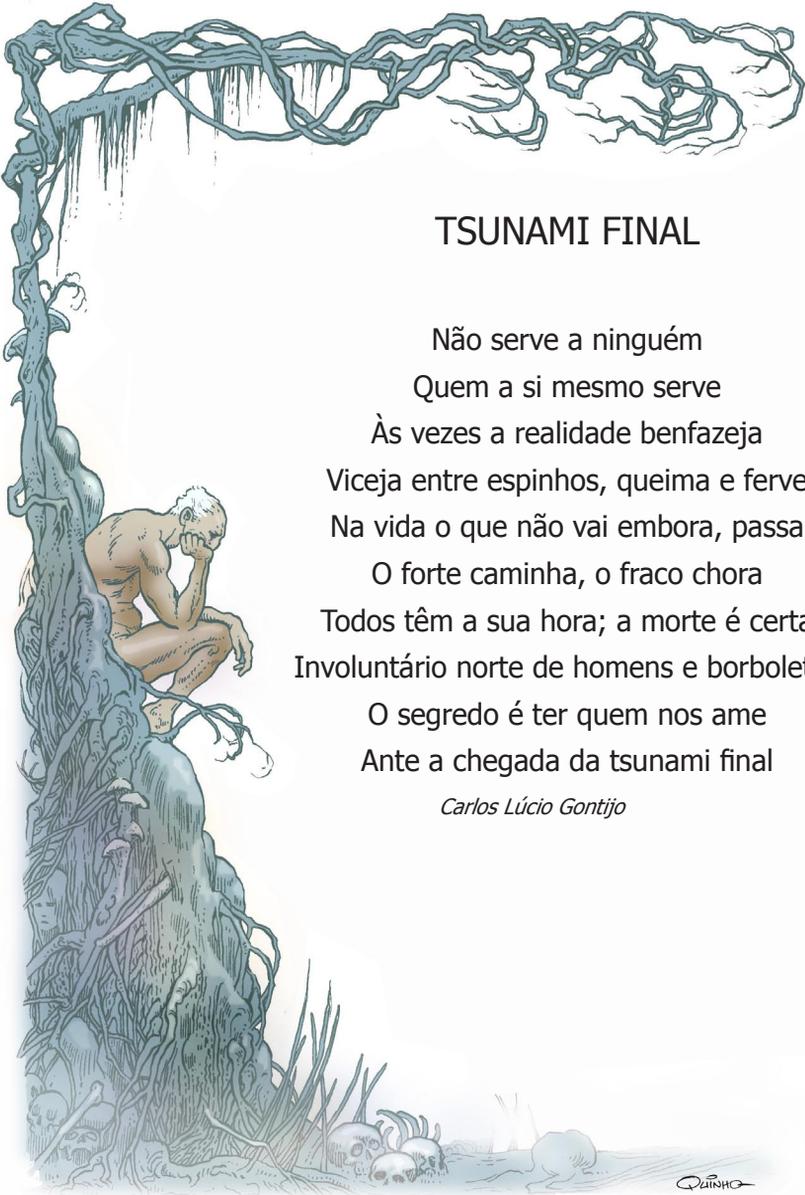
— Então toda a defesa está pronta.

— Isso mesmo. Trata-se de mais um belo trabalho advocatício do companheiro Guilherme Bicudo. Até extraí e anotei duas frases contidas no processo, que tomo a liberdade de ler para você, por ser uma prova incontestada de que maus administradores tismam os horizontes da sensibilidade social e são tão perversos quanto a pequenez de seus objetivos.

— Frase 1, sobre a atuação autoritária do prefeito Tolentino: Há duas formas de se tomar o poder e exercitá-lo. Pelas urnas ou pelo uso da força. Todavia, raras são as vezes em que as ações emanadas do poder são espontaneamente consentidas. Tópico 2, relativo ao pretensso movimento contra o borboletário: Os que combatem as borboletas não o fazem porque as larvas se alimentam de folhas das hortaliças, árvores e plantas, mas, inconscientemente, porque elas voam...

Mais tarde, no tanger dos sinos e no frigidar dos ovos, o prefeito se danou e as borboletas ficaram em paz, desfraldando sua bandeira-branca-multicolor para o mundo: o borboletário virou atração turística internacional e a Borboletas Estamparia uma marca de conceito mundial.

CAPÍTULO XI



TSUNAMI FINAL

Não serve a ninguém
Quem a si mesmo serve
Às vezes a realidade benfazeja
Viceja entre espinhos, queima e ferve
Na vida o que não vai embora, passa
O forte caminha, o fraco chora
Todos têm a sua hora; a morte é certa
Involuntário norte de homens e borboletas
O segredo é ter quem nos ame
Ante a chegada da tsunami final

Carlos Lúcio Gontijo

Início de madrugada, quando as mãos de Antônio lhe acarinhavam, palmo a palmo, a geografia do corpo com a alegria, o desejo e a ternura de criança que coloca os dedos em aquário, Lenir revela estar grávida.

— Amor, que maravilha, que boa notícia. Vou ligar agora mesmo para mamãe.

— Não precisa. Ela já sabe.

— Vocês mulheres! — exclamou Antônio, que voltou ao aquário de amor, onde ambos são o barco a vela e o velejador um do outro.

Ao levantar-se feliz e disposto diante do raiar de um novo dia, Antônio resolveu visitar o borboletário e fez questão de que Lenir o acompanhasse.

— Lenir, você sabe que toda borboleta é única e que as asas são uma espécie de impressão digital. Ou melhor, ainda que sejam aparentemente iguais, cada borboleta é detentora de asas exclusivas.

— Pois bem, Antônio, minha felicidade é estar conseguindo unir ideal de trabalho com qualidade de vida. Mais algum tempo de proximidade com a natureza, talvez aumentemos nosso instinto na detecção de pessoas frágeis de caráter em meio a gente de boa índole, amiga e fiel.

— Meu pai Pedro costumava salientar que “toda pedra se parece com o diamante, mas o diamante não se parece com pedra alguma”.

— Que belo pensamento esse de seu pai.

— É mesmo, Lenir. Houvesse eu prestado mais atenção, talvez o Falópio não me tivesse aprontado o que aprontou.

— Por falar nele, você tem notícias de seu paradeiro?

— Não, Lenir. Nem eu, nem a polícia nem ninguém.

Estavam embevecidos diante da beleza e do frescor do borboletário, quando Henrique veio gritando, com o timbre de aboio que não perdeu e era fruto de sua antiga lida com gado.

— Oi gente, oi gente! — como se estivesse a nos conduzir porteira adentro de seu coração. E era mesmo essa a sensação...

— Estamos aqui para uma energização de nossa alma, querido Henrique — declarou Lenir.

— Eu estava logo ali zelando dos ovos da borboleta azul, que é das maiores e mais belas...

— Esse trabalho é mais gratificante que o de vaqueiro, não é, Henrique?

— Todo trabalho honesto tem o seu lado benéfico e sagrado. Acho que cuidar de borboletas é o ideal para um octogenário, que não conseguiria mais fazer face às exigências físicas da lida com boiada. Não há como, na minha idade, ficar no lombo de um cavalo o dia inteiro.

— Mas e o trabalho com as borboletas? — pergunta Lenir ao atencioso Henrique.

— Hoje o borboletário é a minha vida. Com a minha mente “aboio” as borboletas e as mantenho por perto com as flores que ajudo a plantar e cuidar. As borboletas são o meu rebanho alado.

Nisso o celular toca. Era Pérola.

— Alô, filho. Estou em Belo Horizonte, onde vim para uma rápida reunião com os funcionários-diretores.

— A senhora não nos avisou, mãe!

— O rosário de ocorrências dos últimos dias me levou a esquecer de uma reunião previamente agendada. Só me lembrei ontem à noite.

— Está justificado, mãe.

— Estou ligando para lhe dizer que o noticiário dos jornais de hoje está trazendo a morte de Falópio.

— Como? A polícia daqui suspeitava de que ele nem havia deixado a região vizinha a Pingo de Esperança.

*Com a minha mente
aboio as borboletas. As
borboletas são o meu
sonho alado.*

— Que polícia, filho. Aí o número de policiais não passa de meia dúzia.

— Também pudera, por aqui, crime é coisa rara. A cadeia não tem mais que dois, três presos...

— Pois é, filho, o fato é que Falópio foi em uma boca-de-fumo nos arredores de uma favela e se deu mal.

— O que ele fez, em que ele se meteu, minha mãe?

— Comprou cocaína para consumo e se desentendeu com o fornecedor...

— Aí não tem jeito. É morte na certa, pois o traficante prefere eliminar o cliente para evitar que a inadimplência prospere.

— É isso mesmo, filho. Eles matam para servir de exemplo aos demais.

— Mãe, eu fico com pena é da Marisa, que esperava tanto do filho e o vê acabar assim.

— Não precisa se preocupar em avisá-la, porque eu já tomei essa iniciativa. Ela já deve estar vindo para a Capital a fim de tomar as providências de traslado do corpo para sepultamento em Pingo de Esperança.

Silentes, Henrique e Lenir ouviam a conversa.

— Agora só nos falta o desfecho da loucura da mulher do Nestor – suspirou Henrique.

— Esse desfecho, seja lá qual for, terminará com o nascimento de uma criança. O que dá ao incidente alguma perspectiva de luz...

— De bebê você entende, afinal agora carrega um em seu ventre – entremeou Antônio.

— Nada mais irradiador de esperança que o nascimento de uma criança – pontuou Henrique.

— Criança é sinônimo de esperança e responsabilidade. Pois, além de todos os cuidados, deve ser garantido a ela acesso a escola de qualidade, a fim de que a ignorância não prospere na humanidade, dando aos maus políticos a chance de mais facilmente manobrar e manipular grupos de desinformados e despreparados para o exercício da cidadania – filosofou Antônio.

— Essa realidade é bastante propagada na minha querida Suécia, onde o Estado trabalha para ter cidadãos intelectualmente bem preparados e capazes de cuidar de si mesmos.

— A ignorância custa caro ao próprio indivíduo e à sociedade — interveio Henrique.

— Verdade inarredável essa. As nações podem cair em desgraça tanto por não contar com povo educado quanto por ser comandadas por chefe de Estado ignorante e secundado por assessores também incapazes e predispostos a discorrer, em descontrolada incontinência verbal, sobre temas que desconhecem — acrescentou Antônio.

— Ainda ontem — intrometeu-se Henrique —, nos bancos que circundam o borboletário, li interessante fábula que ilustra bem essa questão:

“No mundo árabe, um sultão pensava estar próximo da morte. Então pediu ao seu grão-vizir que lhe sugerisse uma frase para que, ao falecer, sua sabedoria fosse legada à prosperidade. O grão-vizir solicitou um tempo para pensar. Dias depois, apresentou ao sultão a frase em estranho idioma, com especial sonoridade. Passado algum tempo, sentindo que o fim estava próximo, o moribundo sultão, mas de sábia ignorância, mesmo não sabendo o significado da melodiosa frase, resolveu promulgá-la em solenidade pública, em que a proferiu sob os aplausos efusivos da população, mais preocupada com os comes-e-bebes do que com a vã (e então arenosa) filosofia. Emocionado pelo grande feito, mais ligeiro o sultão se entregou aos braços de Alá. Sábios foram convocados para descobrir o significado e em que língua o finado sultão sem refino intelectual pronunciou suas últimas palavras. E qual não foi o espanto geral com a tradução: Deixo meu reino e toda minha riqueza ao meu fiel e querido grão-vizir.”

Antônio e Lenir riram a valer não só da história como também da narração cheia de impositações e trejeitos faciais do velho Henrique, que era um belo exemplo de que não é porque alguém faz trabalho braçal ou de menor exigência intelectual que deve abandonar a busca do aprendizado e do conhecimento. Inegavelmente, ao elevar seu nível educacional, a qualidade e a produtividade do trabalhador no cumprimento de suas tarefas também experimentam crescimento.

Do borboletário, Lenir foi para o escritório de onde cuidava da finalização do projeto de nova roupagem para a fábrica de alimentos Pérola & Pedro, que já era comercialmente tão conhecida como Pepê,

que ela havia encomendado pesquisa e estudos técnicos sobre a adoção do apelido que sobrepunha ao nome real como logomarca oficial. Antônio se dirigiu ao escritório, do qual poderia ligar mais à vontade para o advogado Guilherme Bicudo a fim de se inteirar do caso da gravidez de Cristiane, mulher de seu amigo e sócio Nestor, que estava há muitos dias no Mato Grosso, vivendo a angústia que a loucura da mulher lhe teceu.

— E aí, Guilherme, como está o caso?

— Estamos à espera. Mas creio que em dois dias a criança nascerá, Antônio.

— A Cris está tendo acompanhamento médico?

— Não, caro Antônio. Ela se recusa peremptoriamente. Para ela, a sua vida, em caso de qualquer incidente durante o parto, só pode ser salva pelo pajé.

— Veja só a que ponto chegamos, Guilherme. Cris, uma psicóloga conceituada, enlouquece sem que ninguém consiga decifrar a face-esfinge de sua loucura, que, diante do desespero do marido Nestor, propõe: decifra-me ou o devoro.

— É, pelo jeito, está prestes a devorá-lo — completou Guilherme.

— Em seu estado de demência mental Cristiane desceu ao nível dos miseráveis materiais, que em sua maioria padecem, igualmente, de pobreza intelectual. E o quadro que temos imita e tem os mesmos ingredientes formadores da violência generalizada a que assistimos. Explicitamente, os que padecem na miséria extrema e as elites que vivem nababescamente cometem o mesmo desatino de ser irresponsáveis diante da vida ao abolir o sentimento de amor ao próximo, em que a preocupação com o outro é zero. Dessa forma, vida alguma vale nada — nem a própria! — filosofou Antônio.

— Inteiramente correta a sua análise. O coitado do Nestor está procurando compreensão e amor numa mulher que se transformou num vácuo perfeito. Porém, tenho observado que ele, aos poucos, percebe que sua procura é em vão. Está cedendo à realidade de que não há nada além do que não há — asseverou Guilherme.

— Então, não deixe de me ligar assim que tiver novidades. Lembranças ao Nestor, diga-lhe que estamos todos orando e torcendo por ele, pela criança e por Cris.

Assim que desligou o telefone, Guilherme Bicudo recebeu uma ligação de Nestor, que vivia como espião em casamata que improvisou no meio do mato, no alto de pequena colina, da qual ele tinha visão panorâmica da aldeia, especialmente da oca do cacique, onde estava Cristiane.

— Guilherme! A movimentação na aldeia e a cantoria uivante do pajé indicam que minha mulher está em trabalho de parto.

— Fique calmo que o juiz Adriano Maboub já tem tudo arranjado. Os indígenas e a organização não governamental que optou por dificultar nossas gestões junto ao cacique não vão ter tempo de interpor qualquer reação. E o melhor é que estaremos agindo dentro da lei e, com certeza, o Criador estará do nosso lado porque a causa é boa.

— Estou tranqüilo em relação ao DNA garantido pela Justiça, mas bastante preocupado com a Cristiane, que tem problemas de pressão alta e isso pode provocar eclampse em parturientes sem o devido acompanhamento médico.

— É realmente preocupante, Nestor. Os casos de eclampsia podem ou não terminar em coma e até em morte. Só nos resta torcer para que tudo corra bem.

— Só Deus para intervir, pois se depender da pajelança, Cristiane está irremediavelmente perdida e até a criança corre risco. Pobre filho meu, nascer em condições assim tão adversas e turbulentas – lamentou Nestor.

O juiz Adriano Maboub, movido pela solidariedade e compreensão do problema vivido por Nestor, se interessou pelo caso devido à catapultada influência de seu parentesco com o pai de Lenir. Contudo, seja lá como for, por que razões, o fato é que sem ele nada seria possível, uma vez que os índios, apesar de completamente aculturados, com alguns deles tão afastados da nudez e da tanga que, se as experimentassem, pegariam tremendo resfriado, eram protegidos por órgãos de governo, grupos de direitos humanos e organizações não-governamentais de todas as cores, ideologias e volúpias de ordem financeira, material e capitalista.

— Escutem, meu filho chora! — saiu correndo Nestor.

Nisso a Justiça já cuidava de coletar material para apontar a paternidade colocada sub judice por causa da tresloucada Cristiane. Em plena coleta de material, os agentes médicos indicados pelo Justiça diagnosticaram o risco de morte por que passava a parturiente, que enfrentava uma parada cardíaca. Rapidamente a levaram para a ambulância e, com um desfibrilador e respiração boca a boca, tentaram trazê-la de volta à vida, mas todo o esforço de última hora foi em vão.

Com o filho recém-nascido no colo, molhando sua camisa de sangue do cordão umbilical cortado há poucos minutos, Nestor vivia a triste experiência de experimentar a um só tempo a dor da morte e a alegria da vida. Perante cena tão comovedora, o cacique se encaminhou até o lacrimajante Nestor e confessou:

— O filho é seu. Quem criou a mentira foi sua mulher. Eu só a acompanhei, fui pássaro que acompanhou morcego e agora, merecidamente, sinto-me dormindo de cabeça para baixo, envolto em meus pesadelos.

A passos lentos e olhar perdido se retirou o cacique; o pajé sumiu na mata densa e os representantes das tais ONGs que apoiaram tão desabridamente a loucura de Cristiane, exalaram-se no ar cheio de sons naturais. Num gesto meio mágico, Nestor tirou da sacola um manto lindo e esvoaçante, costurado em tecido desenhado por sua Borboletas Estamparia e que ele escolheu especial e misticamente para aquele momento.

Guilherme Bicudo, de olhos marejados, tentava pelo celular descrever, aos amigos de Pingo de Esperança, o enredo de sopitante sensibilidade escrito pelo Senhor da Existência. Provado estava que o destino do homem em nada é diferente da saga reservada às borboletas: a vida é energia breve que chega no raiar da claridade do nascimento e passa todos os demais dias amanhecendo sob a penumbra da certeza de ir embora... E vai! Então vivamos, pois que esse é nosso ofício de seres sedentos de devaneios etéreos e razão; vãos e chão, onde os passos sulcam leito e o rio da vida toma seu curso rumo ao bíblico mar-borboletário de almas ou ao misterioso e simples retorno ao pó

cósmico. Afinal, a existência é divino produto artesanal: tudo é, cordi-
formemente, talhado em fio de luz, carnes, pele, madeira, tinta, argila,
barro e muitas costelas para ser divididas (e redivididas) a fim de ga-
rantir fisicamente o vôo do sentimento psicológico de eternidade, que
edificamos um no outro, agora e depois, em mais outro e outros nas
próximas gerações incessantemente, enquanto houver meio ambiente
natural propício ao eclodir de sementes, ventres e casulos, num mundo
que nos ensina a crer em quem semeia e olhar com desconfiança (ou pé
atrás) aquele que, abúlico, simplesmente o fruto colhe e come!

De tudo, um preparo imutável há: voar não está ligado a ter asas
ou autonomia de vôo. Basta estar sob o domínio de um sonho, no
qual a lógica é ser borboleta; e ser borboleta é não ter lógica alguma
– o sentido e a explicação da existência ficam na magia de se poder
voar, sem manual de instruções, nem garantia nem prazo de validade
ou contagem de tempo; que, sob qualquer medida, resguardará em si a
essência de indecifrável eternidade, que se nos apresenta efêmera, ou
pouco provável, diante da certeza material dos casarões existenciais de
que, quando tudo passa, é a janela que fica.

APÊNDICES

PERFIL DO AUTOR



O autor com a neta Luara (2005)

Em Cabine 33 você escreveu que “o tempo vai passando e nos arrastando, por isso devemos procurar a retenção do controle da vida em nossas mãos... Cuidando de nosso próprio núcleo de convivência”. Ao reler a última página, senti que, também, não posso descuidar-me do núcleo maravilhoso da nossa convivência, no qual sinais do carinho que me dispensa se renovam com frequência, muito embora nem sempre eu tenha me feito tão presente quanto gostaria.

Você, Carlos Lúcio, traduz a alma clarificada de Santo Antônio do Monte, nossa terra, mil vezes extremada e querida, que dela, como

lhe disse de certa feita, é o filho que merecidamente não será esquecido, eternizado na imortalidade de sua obra de ficcionista e escritor.

José Ulisses de Oliveira – ex-deputado federal e ex-secretário de Estado de Minas Gerais

Acabo de ler o Cabine 33. Seu livro é muito bom, a linguagem acessível, sem aquele rebuscamento desnecessário. A filosofia do livro, que acredito ser a sua pessoal, tem uma marca forte de espiritualismo, e assim também eu vejo as coisas.

Os valores que passa, o sabor mágico de uma estrada de ferro, coisa que me lembra a infância, bons tempos. Os versos também são belos, acrescentam beleza poética à mensagem. É um livro que jovens poderiam ler, onde aprenderiam ou teriam reforçados os bons valores, as coisas que somos, e não as que temos.

Li, também, artigo seu no DIÁRIO DA TARDE, no qual tocava no assunto mais importante da humanidade, a educação.

Pois é, meu caro, se tivéssemos bons jornalistas/escritores assim em maior quantidade, as coisas seriam bem melhores. Não podemos consertar o mundo, mas podemos contribuir para melhorá-lo, um tiquinho que seja.

Luiz Leitão – administrador, consultor e articulista – São Paulo

Para quem, há quase três décadas, conhece Carlos Lúcio Gontijo, o nosso Carlúcio, ler Cabine 33, seu décimo livro, é ler a sua alma . Alma cheia de riquezas diversificadas, que vagueia paisagens diferenciadas, cada uma com ecologia própria. Cabine 33, que o leitor de Lógica das borboletas poderá encontrar no site do autor, está repleto das pegadas deixadas nas trilhas por onde já caminhou seu criador. Trilhas da cidade onde nasceu, com as características de sua gente simples, mas cheia de riqueza interior, lugar de onde o coração de “Carlúcio” jamais

se apartou. Mas Cabine 33 contém também as pegadas do jornalista e analista político-social, que se faz cidadão útil, criticando corajosamente os descasos e desgovernos que acontecem por este mundo afora. Suas trilhas de eterno amante da esposa Nina, do pai e avô atento ao destino dos filhos e da neta, também tão amados, e ainda o compromisso com os amigos.

Buscando o combustível que mais movimentava esta vida de pessoas que se encontram, desencontram, amam, desamam e continuam buscando o amor, uns até morrer sem reencontrá-lo, Cabine 33 tem seu ponto alto numa atualíssima história de amor, recheada de desencontros.

Como HOMEM DUO, HOMEM-ESPÍRITO, “Carlúcio”, em Cabine 33, traz uma lucidez para clarear a compreensão do conteúdo da mensagem cristã, quando afirma: “não cabe prece onde é preciso passo... fé de oração não dispensa ação”. Ah, Carlúcio, como a vida melhoraria se todo aquele que se diz cristão compreendesse essa verdade clareada em sua alma. Quantos, equivocadamente, se tornam parasitas em nome da fé cristã, esperando que Deus ou Jesus Cristo tragalhes a solução para os problemas de suas vidas, enquanto poderiam dar o passo e agir na busca de suas resoluções. Que Jesus possa levar esta compreensão a todas as consciências cristãs, para que a humanidade e o planeta que a acolhe possam prosseguir uma verdadeira evolução.

Como é bom ter o nome anotado na agenda de amigos de “Carlúcio”. Também é muito bom ser amiga do autor de Cabine 33. Obrigada, Carlúcio, pela pérola da amizade, há três décadas. Que ela não lhe falte, e nem à sua família.

Maria José dos Santos – jornalista e professora – BH

Querido amigo Carlos Lúcio, realmente seu “site” está arrasando, achei o máximo! Apreciei muito o seu poema e a caricatura está engraçadíssima, sabia? Muito criativo tudo. Que maravilha poder até ler o livro! Só mesmo você...

Uma ex-colega minha está fazendo um trabalho voluntário interessante em Perdões, sua terra natal: lê e comenta livros com presidiários, participando do esforço da comunidade, que está investindo na recuperação deles. Ela é bastante inteligente e criativa, de modo que já está começando a obter sucesso. Contou-me que se surpreendeu com o alcance de interpretação dos presos e me pediu livros. Eu achei a idéia válida e dei a ela o último conjunto daqueles exemplares com os quais me presenteou, lembra-se? E acrescentei “Cabine 33” por achar que tem muito a ver com eles... Ela ficou no maior entusiasmo e agradecida.

E, por falar em agradecimento, nem sei o que dizer a você. Meu telefone tocou o dia inteiro, gente comentando o meu “chiquismo”, achando o máximo eu aparecer na sua coluna, prova de que você é muito lido mesmo. Nem sei o que dizer da sua generosidade, atitudes como as suas são raras no nosso meio, em que uns estão sempre querendo engolir os outros, talvez seja até o caso de me benzer contra os maus olhados, sabia? Você é mesmo impossível!

Apreciei muito o seu enfoque pedagógico ao comentar com tanta generosidade o meu trabalho de escritora, pois realmente acredito que só pela educação este país poderá ser salvo algum dia. Espero com fé que um belo dia tenhamos uma escola de fato, feita para essa nova clientela carente de tudo, principalmente de afeto, uma escola com horário de oito ou nove horas, como nos países desenvolvidos, que, além das matérias básicas, ofereça aos alunos mil e uma atividades reais de vida, que sejam um prolongamento do mundo real... Conhecimentos úteis e possibilidades de criticar, criar, sonhar... Nossa escola é tão divorciada da realidade, não é mesmo? Eu sonho com uma escola alegre, com música, muitos livros, arte, jogos, enfim, tudo aquilo que menino gosta... Quem sabe um dia, né? Temos de ter confiança no futuro, como viver sem esperança? Gente como nós não pode desistir de lutar por um mundo melhor, mais bonito, solidário e humano. Certo? Mil agradecimentos pela gentileza e um abraço, extensivo à sua Nina. Um beijo para a Luara.

Therezinha Casasanta – escritora e professora – BH

AGRADECIMENTO

Faço-me grato aos patrocinadores de sempre: meu pai, o mecenaz-mor José Carlos Gontijo, os amigos Wilson Ricardo, Mário Antônio, Carlão (do tambor), Ronaldo Lauria, o médico Vicente Bolina Batista, o ex-deputado e secretário de Estado mineiro José Ulisses de Oliveira, Luís Antônio Bolina, Conceição Santos, a minha família (Nina no comando, e insubstituível) e tantos outros que, de alguma forma, buscaram estimular-me a seguir adiante, apesar da indiferença de muitos, passando-me a lição de que a amizade é entrega e parceria sem perda, pois que sempre preparada no forno brando da emoção. A vocês, meu pai e amigos queridos, o meu abraço em nome dessa entidade chamada literatura. Deixo-lhes a certeza de que o vôo só é possível quando nos livramos de modismos ditados pelo consumismo desenfreado e de tudo aquilo que não acompanha a nossa real vontade. Feito as borboletas, precisamos nos libertar de todo o casulo desnecessário, quando então nos fazemos inteiramente prontos para voar, como simples bagagens do tempo.

Obrigado pai Zé; obrigado amigos do peito, obrigado minha família querida. O patrocínio de vocês justifica poemas como o “Sangue montense” e “Fruto jogado”, em que louvo Santo Antônio do Monte, pois que as pessoas e os cidadãos amigos constroem a alma dos municípios. Aprendi, e afirmo, que a face da terra que amo se confunde com o rosto dos amigos a que estimo e prezo. São eles (vocês) que dão o

tom da paisagem e calor às ruas, avenidas e praças. E, mais que isso, são vocês, meus amigos do coração, que abrem caminho para a minha literatura, que o tempo cuidou de tornar legítima e cingidamente nossa.

Alegro-me com esse feito, à primeira vista romântico, mas, como fruto de emoção, desejo e tempo, sinto-me um ser quântico: não ocupo espaço, estou no compasso do coração de quem me gosta. Invisivelmente sou, estou e existo.



SANGUE MONTENSE

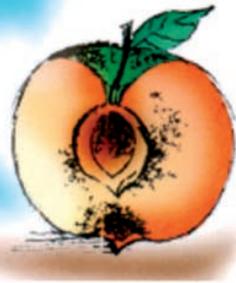
De Santo Antônio do Monte eu venho
É a terra que retenho no olhar
É o par de olhos do meu passo errante
É diamante incrustado no chão de meus pés
É a terceira visão do meu caminhar distante
Seu solo mirante parece remar pro céu
A quase mil metros acima do nível do mar
Razão de sua gente engenhar fogos de artifício
Um ofício milenar de sagrada tradição
Forma colorida de canção ao Criador
Explosão de amor nos momentos de alegria
E quem duvidar dessa vocação sadia
Basta cortar a veia de um cidadão montense
Para detectar o sangue iluminado
Que, coagulado, pólvora irradia
Como se fosse escravo enclausurado
Condenado pela magia de fazer noite virar dia

Carlos Lúcio Gontijo

FRUTO JOGADO (ou uma carta a Santo Antônio do Monte)



Na casa em que morei
Em minha Santo Antônio distante
Radiante um pessegueiro plantei
Que cuidei como ao primeiro amor
Quanta dor das vezes que passo por lá
Eu na ponta dos pés
Pessegueiro na ponta da raiz
Abrimos janelas no imenso muro
Do escuro de uma separação infeliz
Pra não me deixar na calçada, eu luto
Enquanto ao vento sacode o pessegueiro
Tentando jogar-me o derradeiro fruto...



Nivaldo Marques

Carlos Lúcio Gontijo

BIOGRAFIA

CARLOS LÚCIO GONTIJO, filho de Betty e José Carlos Gontijo, nasceu a 27 de abril de 1952. Em Santo Antônio do Monte, cursou o primário no Grupo Escolar Waldomiro de Magalhães Pinto. Fez o ginásio e parte do Curso de Contabilidade na Escola Senhora de Fátima (mais conhecida como Colégio da Dona Maria Angélica de Castro), complementando-o no Colégio Visconde de Cairu, na capital mineira. Em seguida, diplomou-se em Jornalismo pela FAFI-BH, hoje UNI-BH, no ano de 1976, passando então a atuar, como jornalista, no “Diário da Tarde”, do grupo S.A Estado de Minas (Diário e Emissoras Associados), desde outubro de 1977. Foi revisor, supervisor de turno de revisão, secretário de página e, hoje, é editor da editoria de Opinião do DT. Trabalhou, também, nos jornais “PrOeste”, do qual foi um dos fundadores e redator-chefe (1976); “Tribuna de Mariana”, onde foi editor; “Diário de Minas”, como revisor e articulista; e “Hoje em Dia”, como revisor.

É portador de título de Honra ao Mérito da Prefeitura de Santo Antônio do Monte (1977), do “Troféu Magnum de Cultura”, homenagem do Colégio Magnum Agostiniano, em comemoração dos 100 anos de Belo Horizonte (1997), membro titular e correspondente da Academia Interamericana de Literatura e Jurisprudência e da Academia de Estudos Literários e Lingüísticos (ambas de Anápolis/GO); dá nome à biblioteca do Instituto Maria Angélica de Castro (Imac), em Santo Antônio do Monte (Biblioteca Poeta Carlos Lúcio Gontijo). É membro da Academia Santo-antoniense de Letras (Acadsal) e ex-presidente da Associação Mineira de Imprensa (AMI) (2002/2005).

A OBRA LITERÁRIA DE CARLOS LÚCIO GONTIJO

- *Ventre do Mundo* (Poesia – 1977)
- *Leite e Lma* (Poesia – 1977)
- *Cio de Vento* (Poesia – 1987)
- *Aroma de Mãe* (Poesia e prosa – 1993)
- (Edição de “Coletânea” em dois volumes, contando os cinco primeiros livros – 1998)
- *O Contador de Formigas* (Romance e poesia – 1998/1ª edição; 1999/2ª edição)
- *O Ser Poetizado* (Poesia e Prosa – 2002)
- *O Menino dos Olhos Maduros* (Novela e poesia – 2002)
- *Virgem Santa sem Cabeça* (Romance e poesia – 2002)
- *Cabine 33* (Romance e poesia – 2004) Indicado para os vestibulares da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (FASAM) no anos de 2005 e 2007
- *Lógica das Borboletas* (Romance e poesia – 2007)

Pedidos de Livros: Av. João Augusto da Fonseca e Silva,
1107/402, Bairro Eldorado – Contagem – MG
CEP 32.341-100 – Fone: (31) 3912-4442

www.carlosluciogontijo.jor.br



Av. Augusto de Lima 270 - Centro - B. Hte. - Fone: (31) 3237-3400
Internet: <http://www.iof.mg.gov.br>

Revisão: Responsabilidade do Encomendante

muitas que vê, na desigualdade da vida em sociedade, e dos falsos talentos subindo os degraus da fama.... Porém, sabe tomar decisões sérias, firmes, nos arroubos herdados de José Carlos Gontijo, seu pai (o “paitrocinador”).

Agora, mais um livro seu (o 11º), *Lógica das Borboletas*, em suas mãos. Mãos que vão deixando nas folhas brancas o que muitos desejariam dizer e não conseguem. Cômico de seu valor, ele conta suas histórias. Todos têm histórias, saber contá-las nem todos sabem. Ele sabe. Não escreve para críticos; escreve para exprimir... A borboleta é um devaneio, uma fantasia, e Carlos Lúcio é a criatividade lógica, cheia de inspiração, de conhecimento, de idéias e de vôos, tão bem captados pelo brilhante cartunista “**Quinho**”, que veio emprestar sua arte ao talento do escritor.

Assim vejo e sinto Carlos Lúcio Gontijo, jovem carregado de sonhos, papéis soltos apinhados nos bolsos vida afora, procurando vida, vivendo cada segundo que passa, intensamente mergulhado em idéias e ideais comprometidos com a coletividade...

Acompanho com orgulho a sua trajetória de “borboleta lógica” e torço sempre pelo seu sucesso.

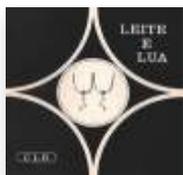
Maria Greco
Professora



Carlos Lúcio Gontijo

jornalista - poeta - escritor

Flanelinha da palavra



*Estou para a literatura
como o engraxate para os sapatos:
sou apenas um “flanelinha” renitente,
disposto a dar brilho às palavras.*



Descubra a vida e obra de Carlos Lúcio em:
www.carlosluciogontijo.jor.br